

# ALFARRÁBIOS

2016 © ssquerdosautorais

## América Latina e Caribe III

Os trabalhos publicados são da responsabilidade  
de seus autores

Foi impresso por Armazém de Quinquilharias e Utopias  
responsável: Paulo de Carvalho

Contato:

55 21 99556-1007

armazemdequinhariaseutopia@gmail.com

Instagram: @quinhariaseutopias

2021  
UTOPIA  
Brasil





**CAMILLA OLIVEIRA**

Aprecia a paisagem a janela do seu quarto. Gosta especialmente de sol, de mar, de céu-azul, beija-flor e gai-votas. É psicóloga de formação, atuante em escolas municipais do Rio de Janeiro e aposta na poesia falada como uma ferramen-

ta de transformação subjetiva e social. Tem pela literatura uma grande paixão. Desde muito jovem, as palavras e os livros são janelas a abrir novos mundos: se desloca de lugares de solidão e pouco movimento para outros mais povoados e férteis, onde se sente mais viva. Encontra nas palavras escoamento, refúgio, ancoragem e possibilidade de fluir. Camilla escreveu uma dissertação de mestrado sobre suas experiências com a poesia falada, “Poesia falada: A arte de deflagrar tráfegos no cotidiano escolar”, defendida em 2017 no Programa de Pós-Graduação em Psicologia da Universidade Federal Fluminense (UFF). Atualmente está cursando o doutorado na Faculdade de Educação da Universidade Federal do Rio de Janeiro (UFRJ), com um projeto de pesquisa que aborda as poéticas do corpo a partir das relações entre corpo, poesia e vida no slam.



**Em construção:**

De tanto se dar ela foi se perdendo ao longo do caminho. Só conseguia se relacionar amorosamente com toda entrega e inteireza. Do primeiro ao último encontro. É claro que essa doação de corpo e alma produzia fortes intensidades. E o dia seguinte a um encontro era, para ela, povoado de recordações. Quando o encontro era bom, deixava marcas no seu corpo. Quase podia sentir os beijos, os abraços, os cheiros e os olhares. E uma vontade imensa de viver tudo novamente. Mas no meio do caminho existe o outro: com seus desejos e histórias também. Que muitas vezes não se encontravam com os dela. Ela queria muito alguém para amar. Para compartilhar as tardes de domingo. Para conversar, ler poesia e ouvir músicas cubanas. De tanto procurar, ela estava se perdendo de si mesma. Dos seus desejos, preferências e interesses. Qualquer relacionamento que durasse estava valendo à pena. Mas percebia que alguns encontros, ao invés de produzirem alegria e crescimento, lhe davam uma sensação de vazio tão grande: sentia como se estivesse à beira de um abismo, de um precipício. A cada encontro fortuito, a cada beijo, ia deixando pedaços seus pelo caminho. Um sorriso numa esquina, uma alegria na calçada, as pintas do seu colo numa porta de um bar que se fechava, um olhar doce no ponto de ônibus. Seus fragmentos ficavam assim espalhados pela cidade do Rio de Janeiro. Voltava para casa quase vazia. Numa madrugada era só pernas e orelhas. Com a frequência destes encontros e perdas, a moça ia sen-

tindo a vida lhe escapar. Sentia saudades daquilo que era e decidiu que iria andar pela cidade à procura de seus pedaços. Faria este percurso, sozinha, antes do dia amanhecer e as ruas serem tomadas pelo fluxo de pessoas. Colocou seu vestido mais bonito e colorido e seus brincos de peixe. Na bolsa, um livro da Martha Medeiros e nos ouvidos umas músicas do Marcelo Camelo. De cabeça erguida e cabelos soltos, iniciou sua caminhada. Ao longo do caminho, foi encontrando uma porção de coisas que não eram suas. O sorriso aberto de uma criança. A doce melodia de uma música cantada por uma senhora na janela do terceiro andar. Um sapato vermelho de salto pendurado nos fios de um poste. Um colar de pérolas arreventado, denunciando uma briga de casal na noite anterior. Uma frase escrita num muro: “Há sempre um copo de mar pra gente navegar”. Um coração desenhado numa árvore com duas iniciais lado a lado. Um cachorro farento e cabisbaixo. E ao encontrar todas essas coisas, fragmentos de outras pessoas, marcas de outras histórias, foi se reconstruindo, novamente ganhando corpo e vida. Aos poucos, o olhar foi recuperando o brilho de outrora. A curiosidade voltou a lhe habitar. Uma sensação de aconchego lhe tomou de assalto e um conforto que há muito não experimentava. Sentou-se no banco de uma praça sob a sombra de uma árvore e se pôs a olhar tudo à sua volta. As crianças correndo, os sons e cheiros da cidade, a luminosidade da manhã... Se deu conta de que gostava daquilo que estava se tornando, das linhas que estava traçando. Que tinha muito a oferecer. E estava disposta a receber. Que completa nunca estaria, sempre lhe falta-

**CAMILA OLIVEIRA**

va algo. Mas o que tinha, já era o bastante para viver bem, ser alegre, amar e ser amada. Não deveria mais temer a solidão. Descobriu que tinha a si mesma. Isso ela não queria perder mais. Se abraçou por horas e gostou da própria companhia. Certamente iria encontrar alguém que gostasse também. Sem pressa. Não queria mais tentar encaixar peças que não coincidiam em nenhum ponto, só para aliviar a solidão. E esses pedaços que juntou nesta manhã, e outros tantos que ainda encontraria, seriam sua maior riqueza. Não mais entregaria de bandeja todo seu ser para qualquer um em qualquer esquina. Estaria à espreita de conexões alegres e nas quais pudesse produzir algum sentido. Assim ela voltou para casa e para seu canto. Alegre, cantando e sorrindo como tinha de ser.





Nací el 20 de agosto de 1976. Oriunda de Caguas, municipio ubicado en el interior este de Puerto Rico. Estudié Humanidades (historia, literatura y comunicaciones) en la Universidad de Puerto Rico, Recinto Río Piedras (San Juan). Amo profundizar en las maravillas y misterios

del lenguaje en todas sus expresiones.

**CRISTINA GUZMÁN**



**CRISTINA GUZMÁN**

En mis poemas  
no hay mucho  
que sirva,  
para soñar  
o vivir  
cuando intento formar  
granizo de estrellas  
y un reloj  
con medio saco de arena;  
hay algo de erotismo,  
no mucha esperanza,  
pedazos de esta noche  
y cristales de sal de olas;  
la medida de la oscuridad  
que ahonda el pozo,  
estela de carboncillos  
y algo de limo  
de una piedra sacra.  
Les advierto,  
que en mis versos

no cabe la salvación  
para amar sin sangrar  
porque ausculto  
los labios del filo  
y el rocío de los zarzales.  
Si de algo les sirve,  
en mis poemas  
cada palabra que adhiero  
siempre subyace el sueño,  
el vivir, los misterios  
y todo eso que lleva a la muerte.

**CRISTINA GUZMÁN**



**CRISTINA GUZMÁN**

El silencio  
honra un espacio  
ocupado por algo latente:  
casi el aullido de la noche  
casi el susurro  
de la fuga del tiempo.

Este texto  
se acerca

un poco

Su belleza  
depende

del casi

Logrará  
significar

porque tal vez

No temo,  
de mi nombre junto  
al fuego

**CRISTINA GUZMÁN**

En mis poemas  
no hay mucho  
que sirva,  
para soñar  
o vivir;  
intento formar  
granizo de estrellas  
y un reloj  
con medio saco de arena.

Algo de erotismo,  
no mucha esperanza,  
pedazos de esta noche  
y cristales de sal de olas;  
la medida de la oscuridad  
que ahonda el pozo,  
estela de carboncillos  
y algo de limo  
de una piedra sacra.  
Les advierto,  
no hay posibilidad

en mis versos  
para amar sin sangrar  
porque ausculto  
los labios del filo  
y el rocío de los zarzales  
para las coronas de espinas.  
Si de algo les sirve,  
admito que me equivoco:  
en cada palabra que adhiero  
siempre subyace el sueño,  
el vivir, los misterios  
y todo eso que lleva a la muerte.

**CRISTINA GUZMÁN**



**CRISTINA GUZMÁN**

**[Conversando con Emily Dickinson]**

Las palabras  
acarrean fibras  
desde la antigüedad de sus intenciones,  
vuelan por los cielos de los siglos;  
amasan  
nidos gruesos y profundos  
que sobreviven todas las estaciones.



No sé qué tiene el tiempo  
en su juego nos renace,  
nos mata y nos envejece.  
No sé qué tiene el tiempo,  
el fue, el que está siendo, el ahora  
y su sucesivo, emerge la coyuntura.  
No sé qué tiene el tiempo,  
nos ubica en lugares, a la vez,  
nos derrama horas de su no lugar.  
No sé qué tiene el tiempo  
que augura y desconcierta,  
produce memorias y robustece olvidos.

**CRISTINA GUZMÁN**



**CRISTINA GUZMÁN**

**[Conversando con Emily Dickinson]**

Las palabras  
acarrear fibras  
desde la antigüedad de sus intenciones,  
vuelan por los cielos de los siglos;  
amasan,  
nidos gruesos y profundos  
que sobreviven todas las estaciones.



## Edgar E. Ramírez Mella

San Sebastián, Puerto Rico (1954). Estudió Literatura Comparada en la Universidad De Puerto Rico, Mayagüez y Río Piedras respectivamente; es pintor y poeta.

Aparece Ramírez Mella en destacadas antologías poéticas, nacionales e internacionales. Tiene seis libros de poesía publicados: Estación De Lirio, que contiene a Máquina Emotiva en el mismo volumen, Isla Negra Editores, República Dominicana-Puerto Rico (2006); Marginalia, editado por Textonautas, Argentina (2006), con una segunda edición a cargo del autor, editorial Taorojo, Puerto Rico (2010); Púrpura con la secta de los perros edi, Puerto Rico (2014); Jardín En Ascuas, con Editora Educación Emergente, Puerto Rico (2017), y Bitácora De Nieblas, con Editora Educación Emergente, Puerto Rico (2020).

**EDGAR E. RAMÍREZ MELLA**



## **Del Poemario: RAZÓN DE COVID-19 (en imprenta)**

### **I**

(14 de marzo 2020) Víspera Del Estado De Queda.

Estoy como la canción de Mima: Oigo voces.  
El de al lado musita quedo:  
Si vuelo es que huelo. Inhalo ergo sum  
Dice bullanguero el neo-cartesiano bugarrón.  
Al otro lado del salón, alguien  
Entre anís y ron, coronas y medallas  
Ilustra a los tertulianos sobre la guerra de las  
Galias.  
Mientras ignorantes en el bar hacemos  
Inauditos gestos, exorcismos  
Contra el miasma y la cuarentena  
Alcohol por dentro y por afuera...  
Tímidamente se menciona la epidemia.  
Mañana la vida será otra: seremos anacoretas.  
La tersa tarde acerca todo el mal tal vez mar.  
La música taladra mis oídos... no es Mozart  
Ni cantata celestial, es bachata.  
Claro todos bailan y gritan.  
Mientras yo acuso y doy fe:  
Sobrevive ingenua la alegría.



## VIII

(15 de noviembre 2020) Pasó El Feroz Jinete

Hay luz al final del túnel

--Alivio--

Como que salimos.

No sé cuánto durará la calma.

A pesar de todo no dejamos de fumar durante el  
asedio

(Es un pésimo ejemplo, casi suicida,

Que no quiero promover, pero confieso)

Y los viernes como de costumbre

Copiosamente, en soledad, hemos bebido.

Extraña ecuación de humanidad:

Al mismo tiempo proteger, dilapidar y machacar.

Como que salimos, increíble repito.

¡Alivio! La fatiga y la fiebre han huido,

Pasó el feroz jinete de la peste

Y vemos luz al final del túnel.

Luego pienso: Pour le souvenir de notre amour

Y nuestras luchas

Otra vez tenemos tiempo y camino.

Però la plaga aún ronda y ruge afuera.

**EDGAR E. RAMÍREZ MELLA**



## Del libro inédito: OTROS ARTEFACTOS (AD)YACENTES

A MARK SMITH (Requiescat in pace)

(Que aunque tenga nombre gringo, era aguadillano y pálido como el requesón. Las espigas sólo brotaban en el medio de su blanca y afeitada cabeza).

En mi cabeza cada cabello piensa otra cosa.  
Vicente Huidobro

Qué maravilla que en el baño de Numbers  
Hicieses allegro con mi oboe,  
Yo tan lleno de poesías y Trotsky y alcohol.  
Me sugeriste sabiamente:  
Estaciona tu rabia, vive la imaginación.

Tú presentías aquello huidobriano, que te sonaba  
[rico,  
De que en mi cabeza cada pelo piensa algo diferente,  
Ibas para peluquero con tan inmenso y tostado  
[corazón,  
Fuiste el puente del jipi y el fupista hacia el aparato  
[punk,  
De poeta en parsimonia o ángel tonto que fui yo.

Lamento una vez al remo  
[ver tus *ray ban* en Torre del Norte  
Ver morado un ojo tuyo verde olivo,  
Que insistió llevarme la contra  
[ria en alguna obscura trifulca;

Cortaste mi melena de loco Sansón después  
Trocándome en mezcla ingenua de taíno y bodisatva,  
Mi mujer por aquellos días se imaginó el rollo,  
Total era una pesada.  
Entre Bowie, las pepas y La Bambi  
Y colegas por las discotecas  
Que ya el sida comenzaba a vestir de cenizas,  
Caíamos de orbe en orbe entre relámpagos.  
La última vez que nos citamos un día que pasé por  
Nueva York

Tú ibas tremebundo con aquella falda príncipe de  
[Gales,  
Corrimos toda una noche de delirios  
Con el odio y acecho ignorantes de los Hells Angels,  
Y luego aquel alucinar triunfal en la pista de Tracks  
[bailando.

Grato recordarte ahora, amigo mío,  
Y enviar hacia la nada de curiosos y de sombras  
Estas muy agradecidas pero muy torpes palabras.  
Imaginaros ese hueco sin verbos  
Que nos zurciera a la historia,

Palabras como fruta dañada,  
Que aun queriendo no,

Ya no sabemos recordar  
—De aquellos fuegos

El estertor de estas ascuas—

Como alguien que se va

Quedando sin ayer o corazón.

## **EN LA EXHUMACIÓN DE ABUELO FELLO**

(Tuve que asistir al trámite para hacer hueco

A los que estamos en fila para ocupar el panteón familiar).

Uno tiene esa visión  
Truculenta y macabra  
Aprehendida de la literatura y el cine,  
El horror de los cadáveres...  
El temor a los muertos.  
Tardaban en exhumar tus restos.  
El ataúd estaba más sellado que una caja fuerte,  
Un sol puñetero y el monte verde verde.  
Yo fumaba y fumaba e imaginaba  
Algún escalofrío de Poe con cuervo,  
Al fin abrieron el sarcófago caro  
Que guardaba tus restos,  
De soslayo acierto a mirar el cofre  
Evitando notaran mi aprehensión los sepultureros  
Que tienen gran humor y podrían vacilarme.

Erguido, vertical, enhiesto  
Sobre un paisaje con cruces y jilgueros,  
Una puerta abierta a la pobreza última  
De raídas vestiduras, y me mirabas  
Con la noche plácida de tus hondas cuencas negras,  
Serenos y humilde y como siempre bueno.  
Ningún horror siniestro,  
Fuiste tan buen hombre  
Que hasta tus despojos son ejemplo  
De la cándida nobleza  
De la más real de las naturalezas muertas.

**NO MIRAR POR MUCHO TIEMPO  
ABAJO NI ALREDEDOR, SÓLO EL  
ESFUERZO NOS DARÁ FUTURO.**

En la catedral del susto  
--Espantosa Babel--  
El coquí no canta.  
Es noche y ha llovido.  
Un chirriar de estrellas extintas  
Es el horizonte del abismo,  
El fuego, ese subterfugio fatuo  
Inútil contra la nada y el miedo.  
La peste de gobiernos y de plagas pasa  
Con su púrpura turbia y oscura,  
El cáncer de la traición  
Y el desacuerdo visten de ceniza  
Toda la espléndida alegría de los árboles  
Y los niños. ¿Dónde el gorrión,  
Para cuando la calandria?  
En nuestras manos incansables  
Descansa el futuro...  
When the Eagle flies with the dove.  
¿Dónde la calandria,  
Para cuando el gorrión?

**EDGAR E. RAMÍREZ MELLA**



Del poemario MARGINALIA (2006)

**EDGAR E. RAMÍREZ MELLA**

## AMARILLA EXPLOSIÓN

tantas legas mar adentro  
Rosalía de Castro

Hoy parece ser que explotó la primavera,  
definitiva y radiante,  
amarilla explosión con camelias encarnadas,  
y blancas por encima del canto de las fuentes.  
-Inverosímil y amarilla explosión primaveral-

Huele a eucalipto:  
sutil, húmedo y telúrico  
durante todo el paseo por La Alameda;  
saludo la estatua de Rosalía, la poeta:

Adios gloria!  
Adios contento!  
Deixo a casa onde nacin,  
Deixo a aldea que conozco  
Por un mundo que non vin

Y los pájaros no cesan  
de celebrar el buen día,  
brincando de rayo en rayo,  
de un sol triunfante y sanador:  
Los adelfos en flor,  
las palomas levantando el polvo del camino,  
y el piar delicioso entre las hojas verdes de los  
[árboles:

Aleluyas de excitadas alondras al alba,  
llena de jocosas y profundas campanas  
de ayeres muertos, como ecos distantes  
y antiguos en la noche ancestral.

El cómplice arrullo do paspallás  
y la anduriña y la piedra que ríe  
con la yerba paxarera,  
silueta de fauno dormido y desnudo,  
en el murmullo sensual  
de los incitadores trinos,  
anhelando unos pies que huellen  
las hierbas del jardín escondido.

Santiago de Compostela 2004.

**EDGAR E. RAMÍREZ MELLA**



## GLADYS SOTO RIVERA

**Gladys Soto Rivera nació un 24 de septiembre de 1954 en Quebradillas, un pequeño pueblo costero al norte de la isla de Puerto Rico. Estudió en la Universidad de Puerto Rico, donde obtuvo un B.A. con concentración en Estudios Hispánicos. Aún no ha publicado.**



## Cuestión de vida y muerte

Si de morir se trata, yo muero diariamente.  
Cada día agonizan flores entre mis dedos.  
Cada día cae un pájaro de las ramas del  
alma,  
o se apaga una estrella, o se anula un  
deseo.  
Muerte y vida conviven en mí sin  
rechazarse.  
Muriendo es como vivo, viviendo es como  
muero.  
¿Acaso es la primera vez que vemos la  
muerte?  
¿Acaso no hemos sido Judas de nuestros  
sueños?  
¿Acaso no hemos hecho puñales de  
palabras  
y hemos matado a alguien sin querer, sin  
saberlo?  
¿Acaso no nos mata la angustia, la  
tristeza,  
la falsedad, la prisa, la indecisión o el  
miedo?  
¿Acaso no nos muere la vida a cada  
instante  
cuando nos vuelve tontos, incapaces y  
necios?  
"Hoy la muerte es escándalo.", me dijo un  
gran amigo.  
Y es verdad porque siempre, siempre  
estuvimos ciegos.

## El grito

Alguien dejó de respirar al lado.  
Lo sé por los ladridos de su perro,  
ese gemido no podré olvidarlo.  
Salió por el pasillo hacia la puerta,  
lastimero, aturdido cruzó el patio,  
llegó a la calle, sorprendió a la gente,  
atravesó, como un demente, el tráfico,  
saltó una valla, desafió paredes,  
no respetó señales ni semáforos,  
bajó a la playa y escarbó en la arena,  
luego subió a la cumbre de un peñasco,  
vociferó a los cielos su impotencia  
y se arrojó por el acantilado.

Nunca antes un grito  
me había estremecido tanto...

©olasyarena

 MIRAKEE

## Diseño para un mito

Yo nunca vine al mundo, me lanzaron  
desde un acantilado de los cielos:  
un amasijo de contradicciones,  
producto del capricho de los dioses  
y los malos manejos del averno.  
Yo fui el desecho de un demiurgo errado,  
la semilla de un ángel agotado  
yendo en caída libre contra el suelo.

Una lechuza que pasaba, herida,  
capturó mi eclosión en pleno vuelo  
y me depositó sin protocolos  
sobre un tinglar que se movía lento  
entre el Triángulo de las Bermudas  
y el misterioso y prócer Mar Sureño.

En el intento de llegar a tierra,  
una ballena nos salió al encuentro  
y nos pasó de un trago hasta su vientre  
donde dormía Jonás su sueño eterno.  
Con tanto ruido despertó asustado  
y mató a la tortuga en un violento  
choque de lanzas y caparazones  
que abrió en dos el abdomen ballenero  
y nos tiró a los dos en esta isla  
sin redención, sin paz, presos del miedo,  
desconfiados y estultos, estudiando,  
mesurando, planeando, decidiendo  
si nos comemos uno al otro un día  
o firmamos la paz  
o nos jodemos...

## JUAN ÁNGEL ITALIANO



Nace en Montevideo, Uruguay (1965). Formó parte del consejo fundador de “edicionesDELcementerio”, un emprendimiento editorial independiente de la ciudad de Maldonado que publicó la revista ensamblada “Letras Travestidas” (12 números y 9 separatas impresas + 2 números en CD rom, 2003 – 2008),

además de una variedad de trabajos en formato impreso, CD rom, DVD´s, CD´s de audio, plaquetas, librillos y ediciones objetuales (botellas arrojadas al mar, series de afiches callejeros, volantes, etc.). Muchos de los trabajos del autor fueron publicados por dicha editorial, mientras que otros han aparecido en antologías impresas, sellos discográficos del exterior y revistas web. Ha realizado varias compilaciones sobre la poesía sonora (Al margen: 1, 2 y 3) sobre poesía visual (El ancho margen) y sobre poesía electrónica uruguaya (cibeRrrrdelia).

Ha dictado charlas, organizado encuentros y exposiciones, escrito artículos, participado en eventos, tanto nacionales como extranjeros, vinculados a la poesía experimental y a la performance. La mayoría de su obra circula en Internet con licencia de autor abierta.

Hoy en día es responsable de la revista digital Tan-campante y del fanzine impreso Copiar o no copiar.

“Si dejamos de lado los aspectos emocionales y sentimentales, si nos apartamos de esa visión ensoñada y romántica que rodea el imaginario colectivo del “tríptico poético” (poeta-poema-poesía) lo que nos queda es el acto comunicativo.

El lenguaje, entendido básicamente como un sistema de

signos que utiliza un grupo humano para comunicarse oralmente o por escrito, no está constituido únicamente por palabras (pensemos en el lenguaje de señas, los pictogramas de tránsito, etc.) y además utiliza para vehiculizarse distintos soportes, que a su vez precisan diferentes formas receptoras: lo visual, lo sonoro, lo táctil (el sistema braille, por ejemplo).

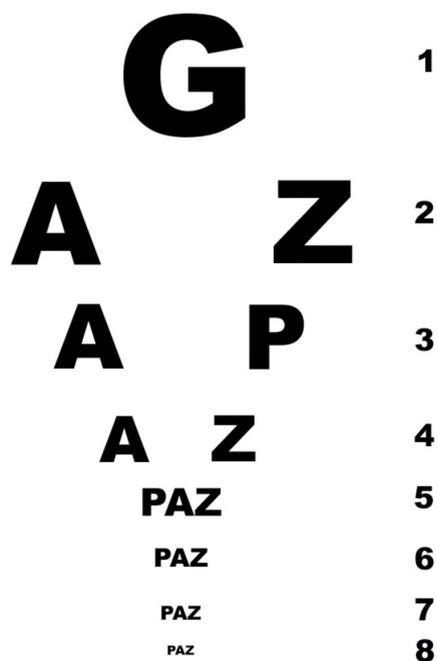
El lenguaje como sistema comunicativo debe establecer procesos claros de entendimiento por un tema obvio de practicidad y de voluntad unívoca. Sin embargo, no todo acto de emisión busca establecer una comunicación directa, clara, precisa, la expresión poética juega con la alteración, con la anfibología, con la modificación del discurso, apelando a la multiplicidad de significaciones del mismo. La POESÍA que en realidad no es una, sino que son muchas, apela(n) básicamente a un juego entre el emisor y el receptor, siendo el mensaje el vehículo de lo poético.

Cuando hablamos de: el poeta, no sólo nos referimos a quien produce el mensaje, poeta es también quién lo descifra, quién le da un significado, quien lo re-elabora, quien lo construye nuevamente. En la ecuación de la POESÍA no se puede prescindir de ninguna de las partes. Sin emisor no hay poesía, sin receptor no hay poesía, sin mensaje no hay POESÍA.

Mi interés radica en trabajar sobre las diferentes posibilidades expresivas de lo poético y de ver cómo se amolda (con acierto o no) a los distintos soportes que elige para el acto comunicativo.

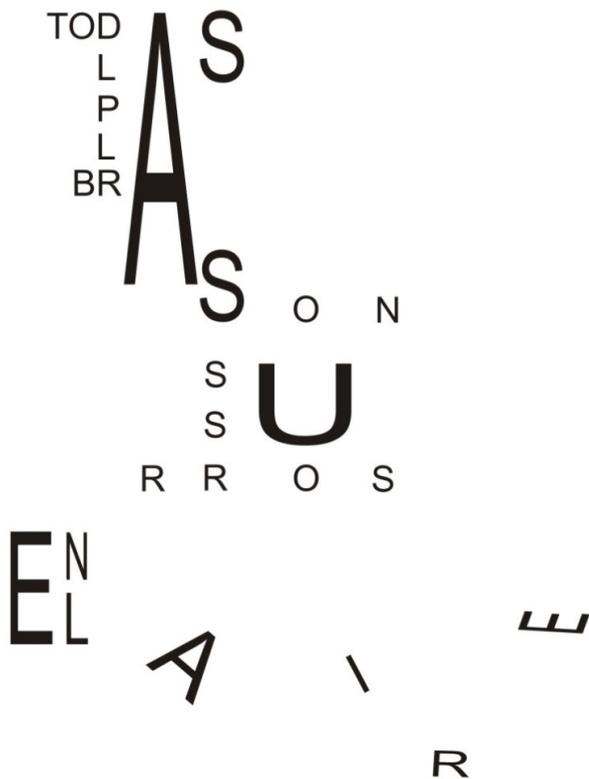
Pero siempre, claro está, todo termina siendo una cuestión de puntos de vista.”

El autor en la web: <http://italiano65.blogspot.com>



*“Distancia de la mirada”*

(2014)



*“Todas las palabras”*

(2018)

**JUAN ÁNGEL ITALIANO**

**Este poema  
te lo digo  
al ρειςρρρ  
y al ρèνρι**

*“Poema ambidiestro”*

ALFARRÁBIOS — América Latina e Caribe

(2019)

## POEMA SONORO DE LA SALVAJE SELVA

¡ZUMBAN LAS LANZAS!...

¡BARRITA TANTOR, EL ELEFANTE!...

¡RUGE NUMA, EL LEÓN!...

Y

# Tarzan

HACE OÍR SU

GRITO DE DESAFÍO.

**JUAN ÁNGEL ITALIANO**

*“Détournement / Poema sonoro de la salvaje selva”*

(2019)

**JUAN ÁNGEL ITALIANO**

**D A D I R**

**U G E S E**

**D A I C N**

**A T S I D**

*“Para David Giménez Alonso”*

(2020)

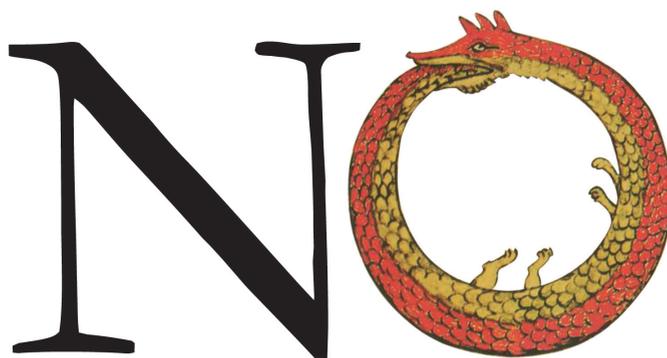
Nació en Barranquilla, Colombia, 1971.

Hizo estudios de Filología y Lenguas Modernas, y Filosofía. Ha colaborado en revistas impresas y digitales: Argentina (La Hoja M, La Tzara, Tse-Tse), Brasil (Zunai), EE.UU. (Word for Word), Cuba (Desliz), Portugal (Big Ode), España (Veneno), Hungría (Nyugat Plusz). Y, también, ha participado en varias exposiciones internacionales de poesía visual: Chile (La Universidad Desconocida, 2009), Francia (Bienal de Poesía Visual en Ile sur Tet, 2015 y 2017) y Colombia (I Salón Nacional de Poesía Visual, 2014). Fue incluido en la antología digital Gramma Visual (España, 2006). Publicó su único libro de poesía visual Magma (España, 2016).

**MARIO JOSÉ CERVANTES**



**MARIO JOSÉ CERVANTES**



*“Sin título”*



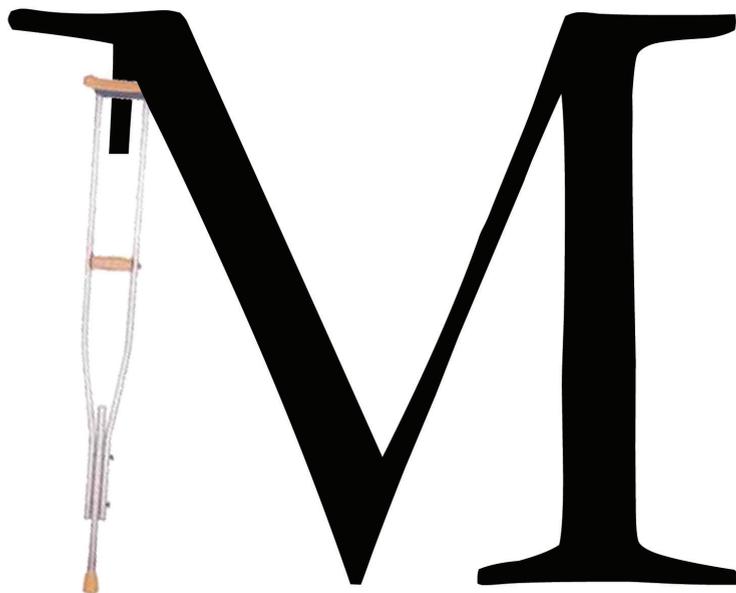
**MARIO JOSÉ CERVANTES**

*“Sin título”*

**MARIO JOSÉ CERVANTES**



*“Sin título”*



**MARIO JOSÉ CERVANTES**

*“Sin título”*

**MARIO JOSÉ CERVANTES**



*“Sin título”*



*“Sin título”*

## MATÍAS SARLO



Nace en 1979 en Rafael Obligado, un pequeño pueblo de la llanura pampeana argentina.

De formación autodidacta, ha tomado cursos de perfeccionamiento con Marcos López, Daniel Barraco, Julián Germain, Juan Peraza Guerrero y Cora Gamarnic, entre otros.

Recibió los premios “Juventudes en foco”, Santa Fe, Argentina, 2009; “Pequeño formato” ARGRA Editora, Buenos Aires, Argentina, 2016; “Los trabajos y los días”, Bogotá, Colombia, 2017.

Fue seleccionado como finalista por el jurado del Premio “Bridgestone de arte emergente”, Buenos Aires, Argentina, (2013); “94 Salón de Mayo”, Museo Provincial Rosa Galisteo, Santa Fe, Argentina, 2017; Premio “Arte x arte”, Buenos Aires, Argentina, 2018; y del “Libro de Fotografía Latinoamericana”, Montevideo, Uruguay, 2019.

El artista explora la psicología del espacio rural, el hábitat y sus habitantes, por medio de una secuencia rítmica de imágenes. Desde hace una década utiliza la fotografía para interpelar la llanura y fusionar paisaje/cultura/memoria.

Su obra, en diferentes soportes y formatos, participó de exhibiciones colectivas e individuales en Argentina, Uruguay, Colombia, E.E.U.U. y España.

Publicó los libros *Nuestros Pasos* (2015), *Llanura* (2016), *Gaicho Gil* (2017) y *Carcarañá* (2019).

Vive y trabaja en Lucio V. López, Santa Fe, Argentina.

[www.matiassarlo.com](http://www.matiassarlo.com)

## LA LLANURA INTERRUMPIDA

Serie de intervenciones fotográficas en el paisaje pampeano.

Obra en proceso, desde el año 2018 hasta hoy.

Ezequiel Martínez Estrada, uno de los ensayistas argentinos más lúcidos del siglo XX, reflexionó sobre la propia historia nacional y en una de sus obras se refirió a la llanura pampeana como una red de pueblos que en el fondo no tienen nombre, porque todos son el mismo. El viaje entre uno y otro no sería, entonces, más que una ilusión, y el campo entre medio, un tedioso espejismo llano.

Interrumpir ese viaje/paisaje liso y espectral, interrumpiéndolo como viajero/fotógrafo que soy siendo, es el objetivo de este trabajo en pleno desarrollo de investigación y de creación. En definitiva: escucho, miro, leo, encuentro, recorto, proyecto y armo una escena in situ; luego, registro una serie de intervenciones efímeras en el espacio-mundo pampeano. Razón: Interrumpir el territorio y la territorialidad para impactar con “lo imprevisto” y quizá generar en el circunstancial espectador preguntas sobre la historia y los habitantes del enclave que transita.

## A modo de bitácora de viaje

### Episodio 1

Realicé, entre los años 2015 y 2016, una serie de entrevistas a personas mayores de 70 años que habían vivido y trabajado casi toda su vida en entornos rurales de la llanura argentina. Intentaba comprender, entonces, lo profundo del sentir y del pensamiento de un grupo de representantes de la última generación que se estableció y se autoabasteció en esa región; estirpe que luego, a raíz de la tecnificación y la segmentación del campo, fue expulsada y por tanto debió emigrar inevitablemente hacia centros urbanos.

En esas charlas comunitarias emerge, recurrentemente, la idea de que las nuevas generaciones de “empresarios rurales” desconocen la historia del territorio del cual explotan todos sus recursos naturales; serán, precisamente, los términos explotar/explotación los que denominan a la agricultura moderna.

### Episodio 2

En el año 2018 encontré (o me encontraron), en un basural de un pueblo del noroeste bonaerense, dos imágenes enigmáticas: una de una mujer y otra de un hombre, sin datos de identificación.

Ambos retratos fotográficos eran en blanco y negro, además, estaban coloreados a mano. Por el visible procedimiento técnico-artesanal, deduje que fueron realizados por uno de esos fotógrafos ambulantes que

visitaban esporádicamente pueblos y chacras ofreciendo a los lugareños sus servicios profesionales en la primera mitad del siglo XX.

Una cantidad infinita de preguntas me atravesaron en ese momento de contemplación, desconcierto y reflexión. El hecho crucial de haber encontrado ese par de retratos anónimos en un basural público fue, sin duda, un momento bisagra o de inflexión. Una lluvia de interpelaciones resonaron sin certezas, de hecho fue lo que me condujo a indagar la relación simbólica-significativa entre la vida de aquellas personas desconocidas y el territorio donde encontré sus figuras; en otras palabras, decidí investigar y presentar la imagen fotográfica no como documento histórico o de identidad sino como objeto/objetivo de atención, atracción, quiebre e interrupción en el paisaje llano de una región argentina.

### Episodio 3

Siempre me he preocupado por la circulación de mi trabajo artístico en la escena local. Mi interés consiste en ampliar límites y limitaciones, investigar técnicas y procedimientos, experimentar con nuevos formatos y soportes para que las imágenes propias puedan colmulgar/dialogar con las personas que forman parte de mis series temáticas y contextuales, ya sea porque están retratadas directamente o porque la problemática las refleja como testigos y protagonistas.

Creí, después del cruce inicial, que aquellos retratos ignorados, encontrados en un vertedero de desechos, rescatados de las ruinas de la memoria, transportados y resignificados en otro entorno podrían llamar a atención y principalmente generar preguntas

irresolutas en quienes los “perciban y encuadren” en el paisaje hito. Así surge la idea-concepto de interrumpir la llanura con un simple acto/actuar.

#### Episodio 4

La primera interrupción con sendos retratos la realicé en el año 2018. El espacio rural a intervenir debe cumplir con ciertos requisitos invariables.

Primero, mi mirada busca una fisura en el paisaje, es decir, debo descubrir una construcción desocupada, situada en un hábitat limpio de vegetación, perfectamente visible en la distancia y ubicada a la vera de caminos transitados diariamente.

Segundo, inserto copias en las fachadas, los laterales o los reversos de una edificación notable o un monolito señero. Precisamente, trasplanto los retratos velados para que vayan al encuentro de un espectador accidental, pasajero, anónimo, de hecho deshabitado a ver/leer la llanura interrumpida por una imagen inesperada.

Actualmente interrumpo, interrumpiendo, la llanura pampeana como fotógrafo-viajero y registro las repercusiones que generan mis intervenciones emplazadas y transitorias.



**MATÍAS SARLO**





**MATÍAS SARLO**





**MATÍAS SARLO**





Nació en Buenos Aires, Argentina, al Sur de América en 1970. Aúna en su trabajo Poesía Visual, Proyectos Objetuales, Arte Correo e Intervenciones Urbanas.

Fundador de “Aura”, publicación de Poesía Visual. Fundador del “EquipoAlamarchanta”, grupo de Arte experimental. Socio fundador de A.V.A. “Asociación Vórtice Argentina”, Asociación Civil de Artistas Visuales.

Se ha formado artísticamente con: Teresa Volco, Juan Carlos Romero y Rodolfo Agüero.

Desde 1993 ha participado en numerosas exposiciones individuales, colectivas y publicaciones en Argentina, USA, Chile, España, México, Brasil, Colombia y Cuba.

Su obra figura en revistas impresas y digitales, entre las principales: “...xyzA-Cdef...”, Antología de Poesía Visual Argentina y Catalana (2019). “La TZARA”, Revista de Poesía Visual Experimental, Nros. 14/15 (2015), N° 6 (2006) y N° 3 (2003). “1 de 1 Editora”, N° 10, Revista de Poesía Visual (2015). “aurapoesíavisual”, N° 30, Publicación de Poesía Visual (2013). “iconO”, Proyecto Docena, Asunto Impreso Ediciones (2008). “Poesía Visual Argentina” y “El Arte Correo en Argentina”, Vórtice Argentina Ediciones (2006).



**OMAROMAR**

“Poesía Visual en Des[Con]Texto, Ensamble de micro partes componiendo un damero lingüístico.

Extracciones y mutaciones en guarda de nueva Identidad, Boca Vulario, juego de quita que existe y resiste en el espacio.

Deconstrucción y Desobediencia del lenguaje.

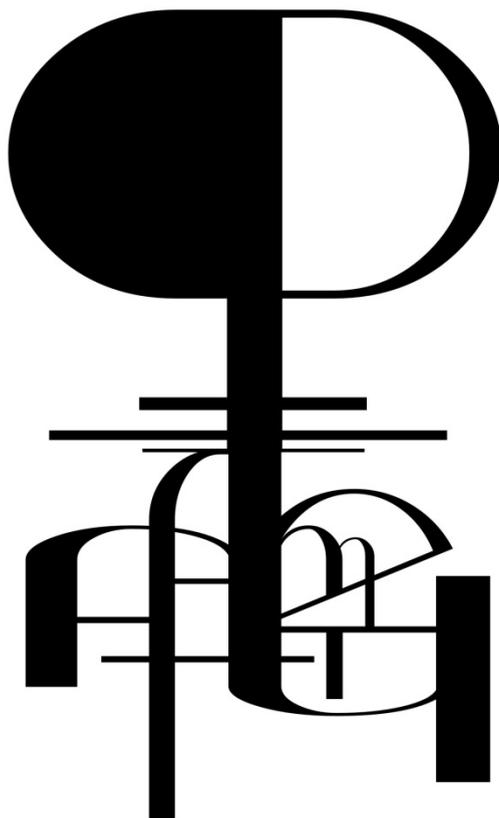
Una práctica-juego de olvido y ruptura de la forma mutando el contenido de la palabra en comprensión no ortodoxa afectando la fuente, utilizando la letra como un punto, la palabra como un trazo o la frase como una línea.”

Un acto de Revolución ExperiMental.”

W: Instagram @omaresomar

E: [omartiene@gmail.com](mailto:omartiene@gmail.com)

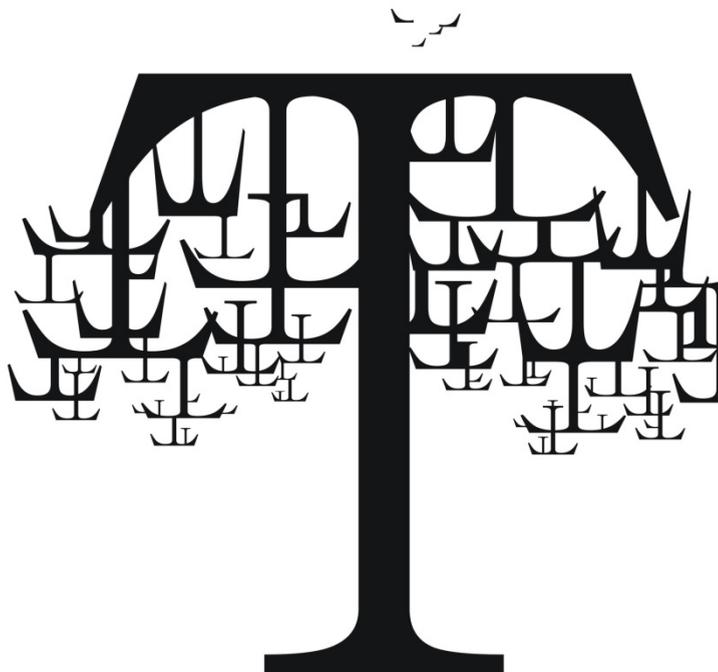




*“Bugui Bugui”*

Técnica digital, dimensiones variables.

Realización entre 2013 y 2020.



*“Tree”*

Técnica digital, dimensiones variables.

Realización entre 2013 y 2020.

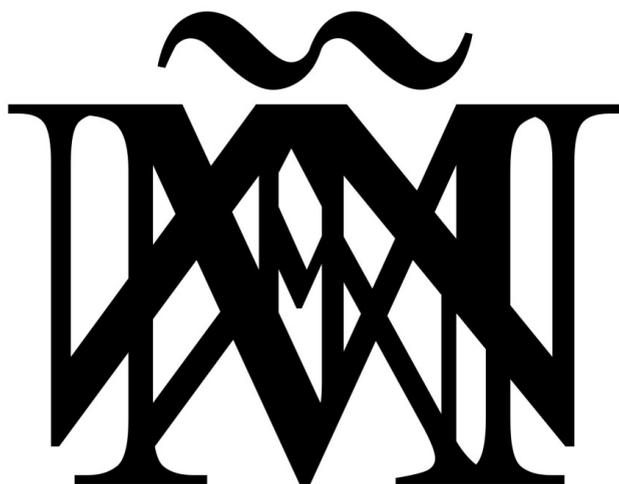


*“Hervor”*

Técnica digital, dimensiones variables.

Realización entre 2013 y 2020.

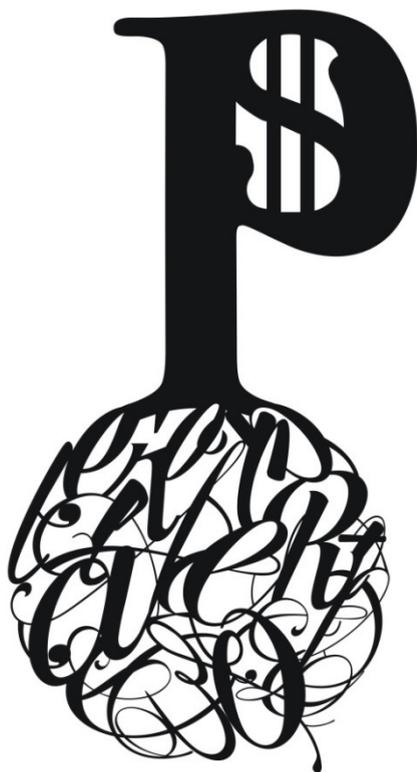
**OMAROMAR**



*“EMIE, Sentando Bases”*

Técnica digital, dimensiones variables.

Realización entre 2013 y 2020.



*“Acerca”*

Técnica digital, dimensiones variables.

Realización entre 2013 y 2020.

**PERSEFONE**



Artista en precariedad laboral que emplea actuaciones económicas mediatizadas por redes de relaciones y el capital simbólico para proporcionar un modo de abordar el arte en forma simplificada.

Web site: <https://bit.ly/3hYQWZM>

**P**ara mí, ha sufrido el pobre

**E**scasas retinas a diferencia del hombre

**R**especto de la jornada en vía del cobre

**S**endas horas por detrás d  
el sobre.

**E**scasas catástrofes por medio del odio

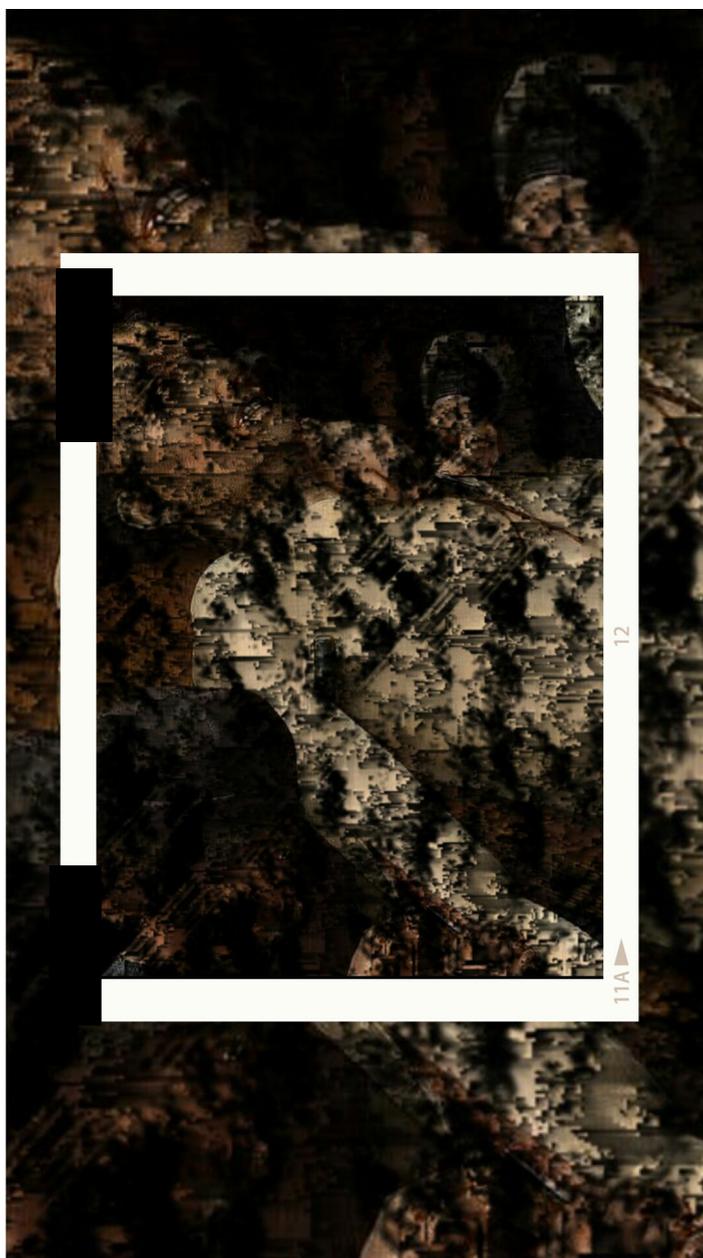
**F**ui mortal y último suspiro prolongado

**O**tra redacción a la manera del plan

**N**inguna aspiración por debajo del pan

**E**scasísimas coronas encima del podio.

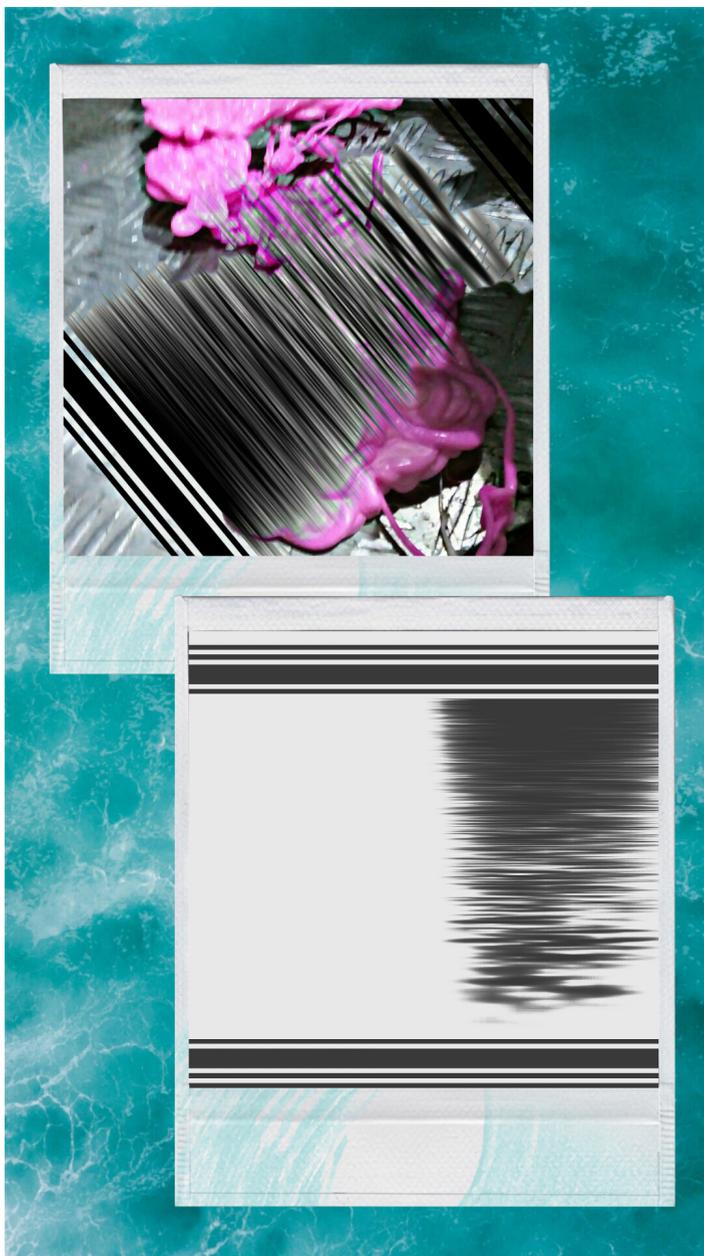
# PERSEFONE



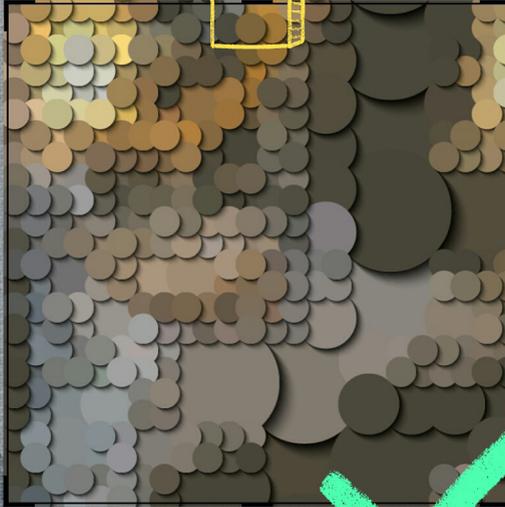


**PERSEFONE**

**PERSEFONE**



# SHIT STILL



Political process that is focused on the development and design of land use and the built environment

## REGINA ALVES



Atriz, Professora de Teatro, Poeta e Escritora. Atuante na Arte a mais de 22 anos. Autora do Livro *A Flora Que Aflora a Alma* Editora Autografia. Já publicou nos Fanzines *Alfarrábios Edição I ao XIX*, *Epitaphio II*, *América Latina e Caribe Edição I*, *Antologias Um Brinde À Poesia 21 anos Edição Histórica*, *Apologia Brasil*, *Reberdecer* Editora Dellicatta entre outros catálogos digitais. Responsável pela Cia Entuarte, da vida aos fantoches *Collors O*

*Magnífico e Pepê Lá Plata*, com mais de 14 peças, 12 peças Curtas, 37 textos Performativos. E realiza lives sobre *Desconstrução e Construção* todo sábado em seu Instagram sobre os processos Criativos dos profissionais na área da Arte, Cultura, Educação e Saúde.

Redes sociais: @regginalves, @collors\_magnifico, @entuarte, @minorias5.



## SANGRANDO

**REGINA ALVES**

Na pele seca daquele ser passante não lhe resta muito

Um legado de cicatrizes ainda abertas e olhos profundos

Que não escondem a miséria

Veias condenando o trilhar erradico e furos que nunca fecharão

Um corpo vendido e vadio que não para de circular em busca

De outro corpo morto para se saciar

Vende-se o que tem o pouco que tem...

Ainda tem alguns miseráveis que dele se alimentam em corpos

Aparentemente saudáveis, porém mais adoecidos.

Escondendo-se nas castas sociais de dia e nas noites um soturno

Em busca de corpos abandonados ao descaso para se saciar

Eles não têm quem os escute

Não tem quem grite para reclamar ou desmascarar

**REGINA ALVES**

Aquele que diz na sociedade o que convém e se esconde nas noites

Onde pode ser o que quer até mesmo um mentiroso letal

Sangrando corpos que não tem escolhas.

NÃO

Surge uma nova estatística dos becos.

Mas uma mulher foi assassinada. Causa da morte?

Disse NÃO!



## EVA

Não seja tola menina  
Não fique aí a chorar  
CULPADA antes de ter vida  
CULPADA na morte de vida  
CULPADA por nascer menina  
CULPADA nem sabe de que  
Mas existe culpa em você  
Por ter nascido feminina e  
Ter as garras felinas tendo que “conter “  
A Eva primeira é CULPADA  
E dela levamos esse carma  
Dorme na cama feito escrava  
Sendo deveras usada  
Ninguém disse que seria  
Tratada pior que chinelo  
Sendo pisada a martelo  
Como se fosse um prego  
Numa parede dura.

**REGINA ALVES**

Ele é frio...

Assim como o

Coração empedrado de posse

Peito desalmado que um dia

Conquistou-lhe, prometendo

Amor.

Varrendo as flores ao vento

Deixando vazios e serenos

Em escuridão de dor

As águas negras existem

E nelas só tem morada, a vida

Ali forçada sendo totalmente

Arrastada para um vale de dor

Quem disse em amor um dia

Destruiu as alegrias que naquele

Ser habitava.

Sombras nos olhos de Eva gosto

De fel e sangue

Ali vazios somente as marcas de dor.

Passam por Eva, se sente despida

Mas passa despercebida.  
Ninguém enxerga sua dor  
Ela guarda soluços e lágrimas  
Deixa para o quarto em sua casa  
Onde ninguém a ouvirá.  
Fecha os olhos em uma tentativa  
De fuga e se vê do outro lado da rua  
Tentando fugir mais não sai do lugar.

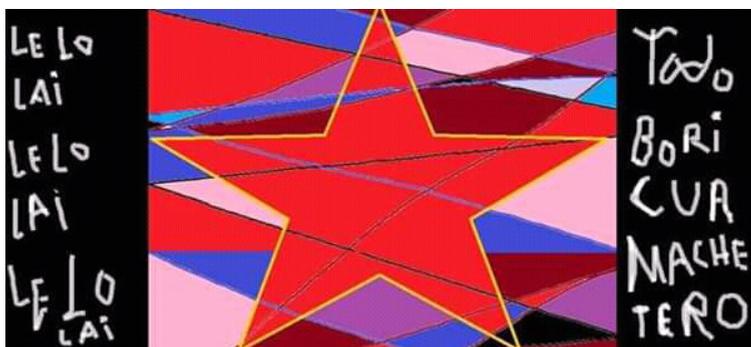
Menina Eva, não adianta correr ele  
Está impregnado em você.  
Por mais que corra ele irá te achar  
Obediente segue para casa como  
Um rebanho vai domada  
Segue fiel para o lugar de sofrer  
Eva, maldito é o fruto do pecado  
Tortura lhe sem dar recados  
Saiu das costelas que preço tão caro.

**ROBERTO NCAR**



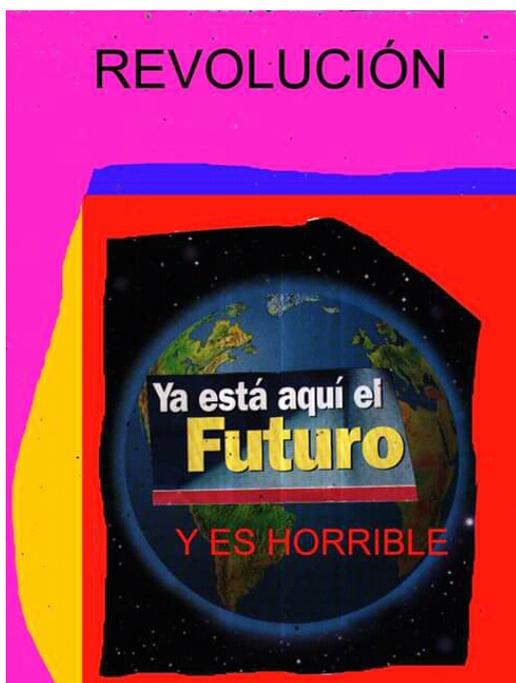
Nació en Mayaguez, Puerto Rico, un 23 de noviembre de 1954. Ha publicado dos libros: “Al Borde de un Silencio”, ediciones Corsario, y “Arte en Vivo y en todo Color” (poesía visual), Colección Maravilla. Sus poemas han sido editados en varias antologías y revistas internacionales. Tiene una vasta obra inédita esperando la crítica de las polillas como dice su amigo Carlitos. Su obra se publica cibernéticamente. Buscar Roberto Ncar, Facebook.





**ROBERTO NACAR**

*“Sin título”*



*“Sin título”*

1

opinión

opinión

opinión

opinión

espejismo

espejismo

espejismo

del bipartidismo

al espejismo

del espejismo

al bipartidismo

celebración de una noche

celebración de una noche

arrepentimiento de 4 años

porque estos años son para disfrutarlos

porque estos años son para disfrutarlos

sin arrepentimiento

sin arrepentimiento

celebración de una noche  
celebración de una noche  
celebrar cada 6 pasos  
celebrar cada 6 pesos  
cada 4 años  
celebrar una noche  
colesterol y triglicéridos  
cada 6 pasos encaminarse  
a la transición  
la incertidumbre  
el regreso a clases  
el peso judicial  
el beso irracional  
un nuevo día  
sin vocero  
sin cero  
sin opinión  
espejismo  
espejismo  
espejismo

**ROBERTO NCAR**

**ROBERTO NCAR**

espejismo

revolución

la revolución

no es una enfermedad

no es hereditaria

no es causa de fallecimiento

la revolución

previene el Alzheimer



**2**

queremos que este verano sea  
infinitesimal  
en el fondo de un mundo extrahondo  
queremos tu verano  
te cambie y todo sea diferente  
¡busca la página 5 ya!  
arranca el transporte público  
afinca en su esquina musical  
queremos que tu verano sea  
un casino de burbujas  
un viaje al desagüe central de la existencia  
armas en las manos de todo el mundo  
un concierto presencial de mierda santificada  
pompéate este verano  
papi pompéate con mi posterior reguetón  
para la distribución equilibrada  
de la riqueza sexual  
di me siento cómodo

**ROBERTO NCAR**

**ROBERTO NCAR**

me mantuve entrenando estas semanas  
para la revolución  
sabía que me iba a poner a pelear  
por la libertad  
de Puerto Rico este verano  
una sonrisa femenina tomará el poder  
si no respondemos, no nos ven  
foros salidos del abismo  
explican la inhibición del disfrutar  
aquí  
ahora  
ayuda a millones  
a encontrar un nuevo día  
aquí mismo  
ahora mismo  
la revolución  
queremos que este verano sea  
contra viento y marea  
desafueros de vitrinas  
herida sorda de la tierra borinqueña

nos vimos a bordo  
de un terremoto de amor  
remedio natural contra la colonia  
la independencia  
la independencia  
independencia  
ahora mismo  
independencia ya  
tienes una cita pendiente  
es hora de reclamar tu salud  
alud de libertad, independencia  
independencia alternativa natural  
contra la disfunción eréctil  
y la falta de planificación orgásmica  
descarta la escasez de alimentos  
independencia revolución independencia  
nueva oportunidad sísmica  
sea este verano o el otro  
jovial y juvenil  
te toca a ti

**ROBERTO NCAR**

**ROBERTO NCAR**

tu camino hacia un estilo de vida  
más saludable y equilibrado la revolución  
pompéate este verano  
son declaraciones fuertes  
aclaraciones oscuras  
no suelta prenda  
ella apuesta a la clase media  
si miedo yo escogí  
yo escogí la revolución  
y me siento más sexy que nunca  
como mármol  
un mar de mármol  
el mar caribe  
un mar de mármol de amor  
soy un gran monstruo suburbano  
con abasto suficiente de alimentos  
y sé que los allanamientos  
tienen el aval del imperio  
cada vez más ciego  
ella desarrolló su propia

línea de ropa  
ropa sin ropa  
ella prepara un ciclón  
ella disfruta de aquí  
mismo ahora mismo  
ella urge actívate hoy  
ella no hace silencio sobre nada  
ella salta  
con o sin ropa  
ella asalta  
dice no se ha hablado de  
otro cambio  
se supone que todo sigue en pie  
pero todavía no sabemos  
se supone todo siga como va  
sea este o el otro año  
queremos queremos  
que tu verano  
cambie todo y sea diferente  
pompéate

**ROBERTO NCAR**

pompéate  
pompea tu verano  
por la independencia  
y la revolución  
hazlo por mí  
papi hazlo por mí  
mi marido es un criminal  
mi marido es un criminal  
mi marido  
el gobernador de Puerto Rico



3

¿tik tok nos espía?  
frente en alto  
el verano es para disfrutarlo  
a las puertas de una crisis  
esto es solo una muestra del deseo  
de pertenecer al caos  
opta por mujeres poderosas  
no tengo miedo a mostrar rudeza,  
miedo, sensibilidad, bellaquera,  
agradezco encontrar a personajes  
de mujeres poderosas dentro de mí  
es perfecto para los días calurosos  
del verano  
redes que reconectan  
una lágrima orgásmica rodo  
por sus senos  
pocas horas después llegó  
la repuesta  
evita la desolación

**ROBERTO NCAR**

y el agotamiento  
del deseo disperso  
geográficamente  
entre 2,600 millones de soledades  
quienes bailan a diario por lo  
menos una hora continua  
en su imaginación  
desnudos,  
con 100 grados de excitación  
en los días más calurosos,  
desnudos bailan  
ante alguien que no existe  
verdaderamente usando  
incentivos que desconocemos  
exponiéndose a altos niveles  
de locura  
cuando tik tok nos espía  
frente en alto  
en el último verano  
de nuestras vidas

4

boricuas retoman compras  
boricuas compran boricuas  
boricuas compran a otros boricuas  
los norteamericanos compran boricuas  
pero boricuas no compran norteamericanos  
norteamericanos compran a todos los boricuas  
que quieran  
los compran todos los días  
todo Puerto Rico es un gran supermercado  
norteamericano  
boricuas retoman compras  
las compras boricuas no se parecen  
a las norteamericanas  
compras norteamericanas no se parecen  
en nada a compras boricuas  
compras boricuas son compras boricuas  
no son compras norteamericanas  
a ley de nada

**ROBERTO NCAR**

la llegada de compras boricuas  
a la tv norteamericana  
plasmarán historias  
de las compras boricuas  
porcentualmente son más cash  
boricuas retoman compras  
toman cocacola  
compran cocacola  
beben cocacola  
y compran cocacola mientras  
beben cocacola  
hacen cola de largas horas  
para comprar cocacola  
boricuas retoman compras  
compras de cocacola  
boricuas comienzan aumentar  
sus gastos  
aumenta en los niveles de consumo  
de cocacola  
llega un helicóptero

llega un helicóptero a Puerto Rico  
un helicóptero monetario  
boricuas retoman compras  
su prioridad es la cocacola  
hay pulso detrás de las mascarillas  
dicen algunos  
boricuas compran cocacola  
pero no compran norteamericanos  
los norteamericanos compran boricuas  
son baratos aseguran  
nuestra experiencia de compras  
está más entretenida  
compran boricuas  
está de moda  
hay compras que valen la pena  
toman su tiempo  
pero comprar boricuas es lo mejor  
nos está yendo muy bien  
comprándolos  
ellos no nos pueden comprar a nosotros

**ROBERTO NCAR**

**ROBERTO NCAR**

pero nosotros sí a ellos  
es un negocio redondo  
y provechoso  
comprar boricuas  
lo que ganamos con ellos  
no se gana todos los días  
boricuas retoman compras  
cocacola y más cocacola  
norteamericanos compran boricuas  
norteamericanos compran boricuas  
norteamericanos compran boricuas  
a todas horas  
norteamericanos compran boricuas



5

¿CÓMO PODEMOS MEJORAR NUESTRO  
DEMONIO LUEGO DE TOMAR L.S.D.?

Eliminando el miedo de sentir  
con profundidad inaudita  
e inédita intensidad.

Buscando siempre  
balance armonioso,  
discreto, entre el Sí y el No.

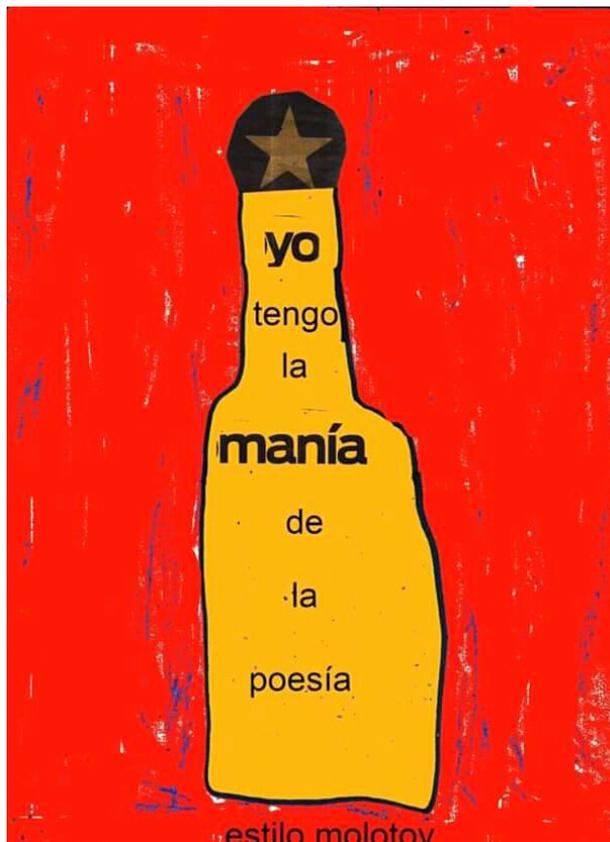
También es necesario dadá  
el verdadero  
no esa imitación barata  
de transacción comercial metafísica.

Sólo se puede dadaizar  
de alma a alma.

Y, sobre todo, en silencio anticapitalista,  
en silencio anarcoestrepitoso  
de banderas negirojas de paz,  
banderas durruti de besos.

**ROBERTO NCAR**

Ámense más allá de la muerte proletaria,  
como lo han hecho siempre  
ya que ella no existe,  
es sólo el descanso momentáneo  
del alma  
en la lucha de clases  
entre las dos vías del ser,  
las dos cruces cruzadas  
de la alegría eterna.  
Porque en el fondo  
todo en el universo es alegría.  
Nosotros tenemos que unirnos a ella,  
bañarnos en ella,  
caminar dentro de ella,  
ir al inodoro con ella.  
Por medio de nuestra alegría  
alegraremos al mundo entero  
y abriremos las puertas  
del multiorgasmo  
a quienes nos rodean.



*“Sin título”*

**RODRIGO MARDONES CASTRO**



**RODRIGO  
MARDONES  
CASTRO**

Nace en Santiago, Chile, 1974.

Artista, poeta y músico, autodidacta. Investiga y amalgama lo visual y lo poético, como un posible modo de bucear

en las infinitas posibilidades combinatorias de la forma y del fondo, de las palabras y de las letras, de las ideas y de los conceptos, para, luego, revelar/ocultar el binomio en la unicidad de un poema inédito o en el despliegue de una serie electiva.

A principios del año 2000, el autor renueva y expande los límites del propio lenguaje expresivo para componer sus poemarios germinales, los que logra plasmar merced a un procedimiento sumario y transformador: el “ensamblado” poético desde la gráfica digital; simplemente, así delimita su posicionamiento/práctica experiencial en tránsito o en ciernes.

Reconoce en su devenir creativo la influencia artística y poética de reconocidos autores universales, entre otros: Sol Lewit, Ernesto Carrión, Juan Luis Martínez, Eduardo Scala, Keneth Goldsmith, también la del grupo Fluxus.

Desde el año 2016, al mismo tiempo, investiga el sonido y la música experimental a través de su proyecto Música Casual.

Ha participado en las sesiones del Foro de Escritores, en el bar Rapanuí, Santiago de Chile, desde el 2005 hasta el 2011.

Su proyecto poético “Kow How” ha sido publicado en la Revista Laboratorio, Universidad Diego Portales, Chile, 2016.

Su obra hoy en día se difunde cibernéticamente; además, presenta 3 libros originales de poesía visual para la apreciación de un editor/lector ocasional.

## ABECEDARIO

*Tome una palabra corriente. Póngala bien visible sobre una mesa y descríbala de frente, de perfil y de tres cuartos.*

“La Nueva Novela”, José Luis Martínez

Abecedario o alfabeto: Es el conjunto ordenado de sus letras.

En esta ocasión excepcional, para una efectiva siembra, despliego sólo una docena de los poemas visuales contenidos en el texto homónimo, inédito hasta hoy, en realidad, un ensayo poético que concebí y ensamblé digitalmente en 2016. Los medios de producción empleados en el proceso ideo-operativo del libro son el básico programa Word y sus herramientas predeterminadas para diseñar imágenes, pues tomo como plataforma de despegue, análisis, experimentación y transformación, las letras o los signos que sistematiza nuestro alfabeto

# RODRIGO MARDONES CASTRO

convencional; que es, exactamente, la fuente primordial para enseñar/aprender a hablar, a leer, a escribir y a comunicar en el idioma español.

Email: [musica2020casual@gmail.com](mailto:musica2020casual@gmail.com)

<https://www.facebook.com/forodeescritores>

<https://revistalaboratorio.udp.cl/index.php/laboratorio>

<http://proyectonouhau.blogspot.com/2016/11/>

<https://www.instagram.com/know.how.2016/>

<https://hamfuggirecords.bandcamp.com/album/ensamblar>

<https://msicacasual.bandcamp.com/>

<https://soundcloud.com/rodrigo-mardones-36190538>

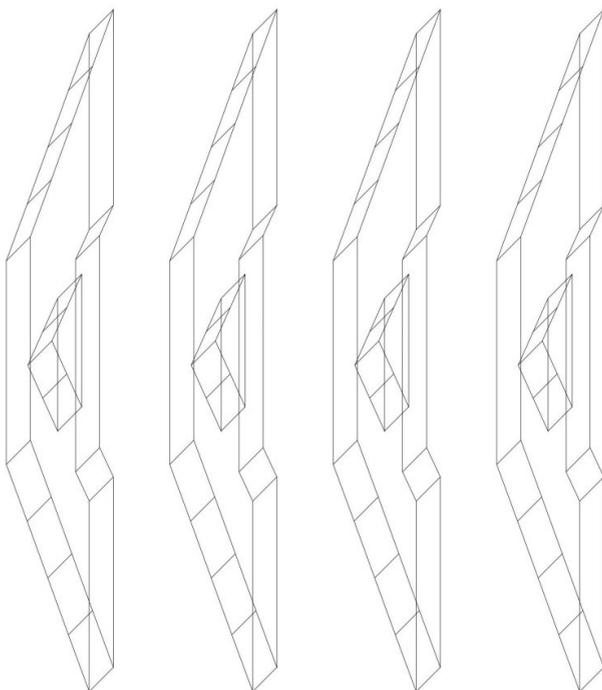
<https://chipmusik.bandcamp.com/album/untitled-chmr-c-d-040>

<https://youtu.be/tao7wiJhoXM>

<https://soundcloud.com/sur-aural/10-sueno-de-la-maquina>

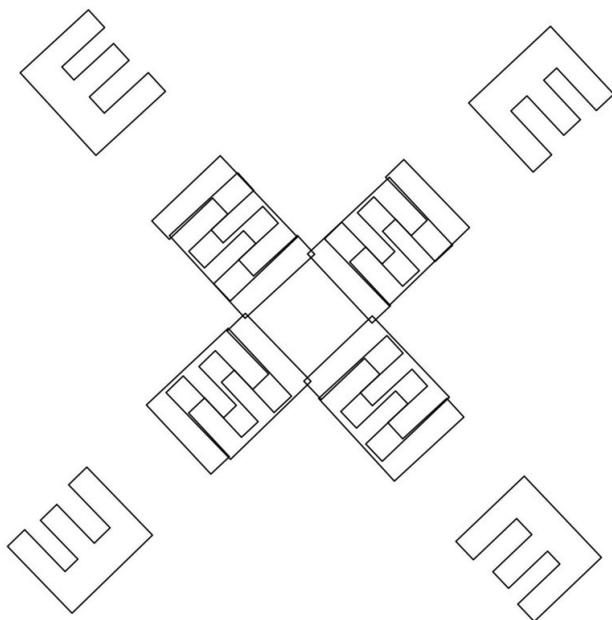
<https://www.improfest.com/eventos/rodrigo-mardones>

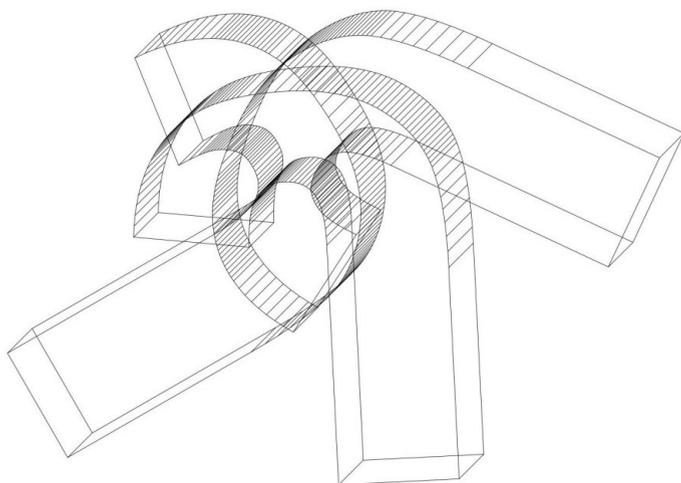




**RODRIGO MARDONES CASTRO**

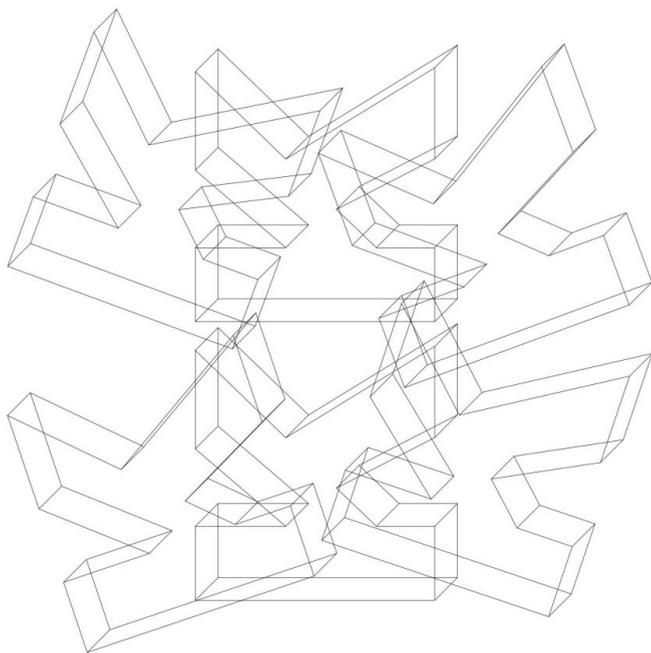
# RODRIGO MARDONES CASTRO

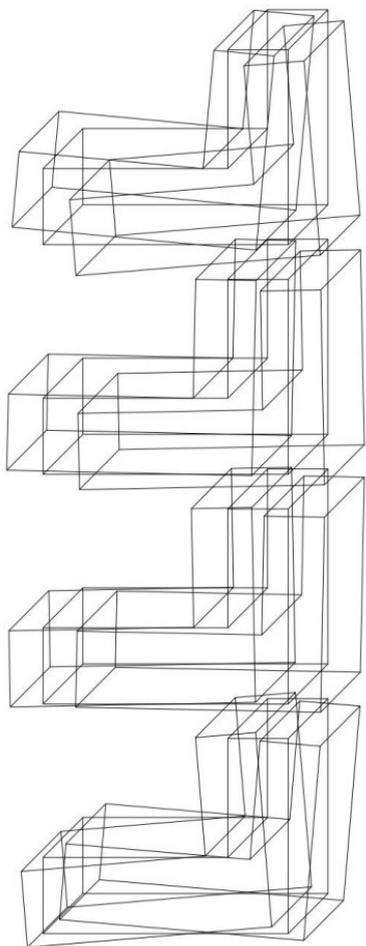




**RODRIGO MARDONES CASTRO**

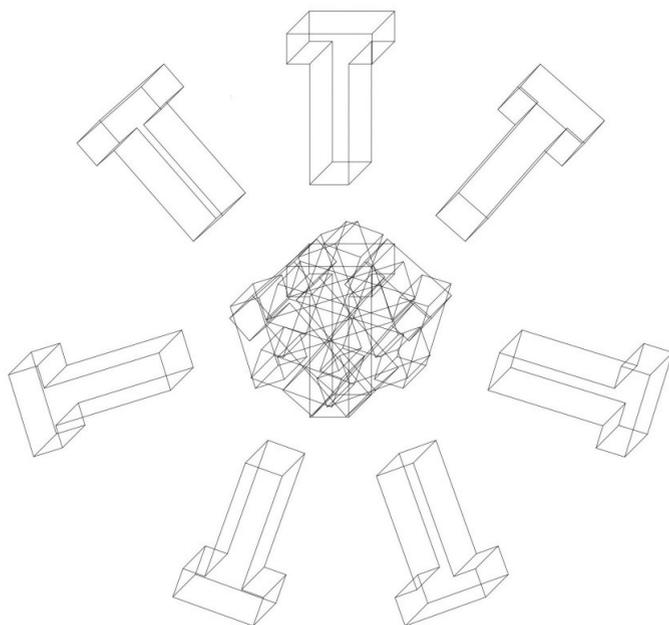
# RODRIGO MARDONES CASTRO

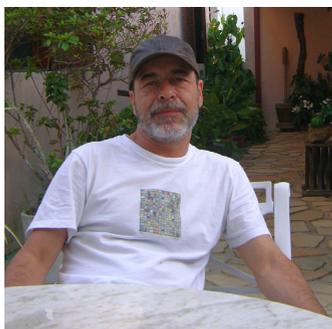




**RODRIGO MARDONES CASTRO**

**RODRIGO MARDONES CASTRO**





Nasceu em Juiz de Fora, Brasil, em 1961. É poeta e tradutor. Publicou os livros de poemas Solo, Vaga, Objeto, Intervalos, De passagem, Pelo corpo (com Donizete Galvão), Terminal, Ao abrigo e Rinoceronte, e o infanto-juvenil A galinha e outros bichos inteligentes,

com poemas visuais de Guto Lacaz. Em prosa, publicou os livros Cenas japonesas: crônicas de um brasileiro em Tóquio e Os viajantes e outras narracões breves. Traduziu escritores catalães como Joan Brossa, Salvat-Papasseit, J. V. Foix, Salvador Espriu, Narcís Comadira, Carles Camps Mundó, Quim Monzó e Maria Mercè-Marçal, e de língua castelhana como José Juan Tablada, Julio Torri, Antonio Machado, Jose Kozzer, Luis Cernuda, Roberto Echavarrén, Mario Arteca, Benito del Pliego, Soleida Ríos, Victor Sosa e Jorge Tamargo. Fez o estabelecimento de textos de Tomás Antônio Gonzaga, Santa Rita Durão, Silva Alvarenga, Joaquim Manuel de Macedo, Eça de Queirós, Machado de Assis, Aluísio Azevedo, Adolfo Caminha, Carlos Drummond de Andrade, Hilda Hilst, entre outros. Pelo selo independente Espectro Editorial publicou 60 plaquetes com poesia, tradução e prosa. Nos últimos dez anos passou a trabalhar mais intensamente com artes plásticas realizando a exposição individual Minimundos no Museu de Arte Murilo Mendes (Juiz de Fora, março a agosto de 2019) e na Biblioteca Pública Estadual de Minas

**RONALD POLITO**

**RONALD POLITO**

Gerais (Belo Horizonte, novembro de 2019 a janeiro de 2020), participando de coletivas de artes plásticas e ilustrando capas de livros e plaquetes de poesia.

ronaldpolito@hotmail.com

“Sempre me interessei pela natureza visual da linguagem. Desde o final dos anos 80 passei a fazer poemas visuais e publiquei em 1996 uma caixa intitulada Objeto contendo 13 poemas gráficos. Outros poemas visuais meus foram divulgados ao longo dos anos em sites de poesia e publicações periódicas. Esse interesse pela visualidade da linguagem, no entanto, creio que se mantém bem delimitado. É a imagem das próprias letras e palavras que eu busco investigar, mantendo assim meus trabalhos em um campo de criação restrito. Busco operar com letras e poucas palavras tirando partido de suas possíveis disposições espaciais na página para configurar um objeto a um só tempo linguístico e plástico. Essa perspectiva “minimalista” é uma tentativa de dizer algo a mais com o menor número possível de sinais da linguagem escrita. Ela se aproxima de duas vertentes da contemporaneidade: a poesia concreta e os trabalhos do poeta e artista catalão Joan Brossa.”

.para e prossegue quando pode e persiste  
sempre que pensa como pensa que sempre  
persiste e pode quando prossegue e para.

*“para”*  
2007

**RONALD POLITO**

bem

mini

mal

*“bem”*

*2004*

RES

*“SER”  
2011*

**RONALD POLITO**

*profeta*  
*prophet*  
*prophète*

*“umapedra”*  
1996

umapedra  
éumapedragrande  
nãoéumapedragrandemóvel  
porquenãoéumapedragrandemóvelimaginada  
exminha porquenãoéumapedragrandemóvelimaginada casualmente

*“umapedra”*  
1996

**RONALD POLITO**

# .finito.

*“finito”*  
2008



Nacido el 25 de septiembre de 1993 en la ciudad de Esquel, Provincia de Chubut, Patagonia Argentina.

Poeta y músico experimental, autodidacta. Austin es por ahora un joven poeta que está experimentando, es decir, busca un estilo propio reconociendo en la construcción de sus poemas la notable influencia de ciertas vanguardias históricas, tales como el dadá, el surrealismo y el realismo.

Tiene cuatro libros no editados: Trazos de un diluvio, En la brevedad de los días, Palabras sueltas y Piedra atada al aire.

Email: [tomasaustinantinao@gmail.com](mailto:tomasaustinantinao@gmail.com)

Facebook: Austin Tomás.

Soundcloud: Austin Tomás



la vulnerabilidad  
como dios en la nada  
off side de agua en el rostro  
que mirás sin ver

sigo atado como un antes  
y el juego se torna ruidoso.

desierto destino  
estuve junto a mí  
cuando el ego estallaba  
y en la caída junté huesos

ahora el cielo es un animal querido  
un derroche de sueño pies de goma



**TOMÁS AUSTIN**

el tiempo coagula  
como una lengua filosa  
en el sudor de las estatuas  
en el jardín de la mente.

me voy con el vicio del cielo  
a operar un temblor de amapolas  
en la boca  
ya cantan los pájaros del olvido;  
lo vivido, clara señal.

ocaso y avenidas  
fragilidad de las cosas que se pierden por sus nombres  
otra vez una caricia de seda  
de la poesía viva  
en las cicatrices del aire.

qué decir de los diluvios  
qué de los naufragios

estos ojos que recorren el paisaje  
son firma.

ahogados de razón  
por un humo que pone paréntesis  
y cierra con puntos suspensivos  
la idea de ser  
sólo un fragmento.

**TOMÁS AUSTIN**



**TOMÁS AUSTIN**

vulnerable walkman como                      nada cíclica  
atenúa

nadie cámaras atrás                      nunca más aunque el  
día etc

oh escarcha triste                      giros di poniendo jun-  
tos tulipanes

grises días de                      fornicar

falopa de perro estiércol i oh                      grillete  
'prensada window

olor i falo                      olor henchido falo

fulgura un                      redondo

mi                      im

nada                      ratos traen gritando



hubo ríos, pesadillas.

escombros que tragué y no digerí correctamente.

quemaduras en las pupilas por el polvo astral del coito.

y sin embargo, los barcos de papel siguen ahí.

sin armarse.

error o a lo mejor nunca hubo árbol.

piedad. entre los limbos que separan las horas-.

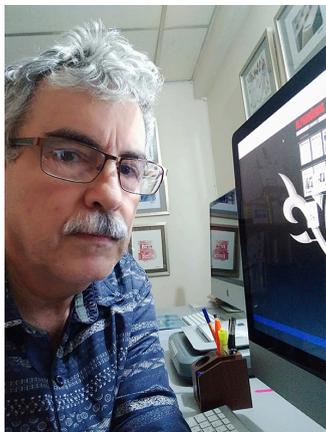
recorro una ciudad de cartón. por no decir.

que me muerdo la lengua. fijo en el muro

que pareciera quieto-



## TULIO RESTREPO



Nace en Medellín, Colombia, 1958.

Artista, Docente, Diseñador Gráfico UPB; Especialista en Estudios Urbanos EAFIT; Magister Artes Plásticas y Visuales UNAL. Expone individual y colectivamente desde el año 1978 hasta el presente, en numerosas exhibiciones en espacios alternativos de arte, museos, galerías, bibliotecas y bienales; en medios como la gráfica experimental, escultura,

instalaciones, video arte, poesía visual y arte correo (Mail Art).

Exposiciones y colaboraciones de poesía visual en portafolios, libros, revistas impresas y digitales. Selección de participaciones: UNI/vers (;) Visual and Experimental Poetry, Nro. 4, Guillermo Deisler, Chile-Alemania, 1989. / I Mostra Euro-Americana de Poesia Visual, Bento Gonçalves, RS, Brasil, 1996. / Poesía Visual Latinoamericana, Introducción y selección a cargo de Clemente Padín, MIAU Quaderns, i edicions, Barcelona, 1999. / Poesía Visual Latinoamericana, nro. 8 PVL, Ediciones El Candirú, Hotel DaDA, 2010. Selección Silvio De Gracia, Junín, Buenos Aires, Argentina. / II Mostra Ibero-Americana de Poesia Visual, organizada pelo poeta Paulo Bacedônio, Casa de Cultura Mario Quintana, Porto Alegre, Brasil, 2013. / Bienal de poesía experimental de Euskadi ex!poesía, Barakaldo Bizkaia, Sala de exposiciones de la Biblioteca Municipal de Barakaldo, España, 2014. / Miragens, XXI Mostra Internacional de Poesia Visual, XXIV Congresso Brasileiro de Poesia, Fundação Casa das Artes, Bento Gonçalves, RS, Brasil, 2016. Curador: Tchello d'Barros. / Poesía sin Mar-

gen, Muestra Latinoamericana de Poesía Visual, Museo de Arte Contemporáneo Argentino [MACA], Junín, Buenos Aires, Argentina, 2016. Curador: Silvio de Gracia. / 3ème Biennale internationale de poésie visuelle d'Ille sur Têt, Atelier Galerie (13) Treize, France, 2017. Commissaires: André Robèr-Daniel Van de Velde. / La mirada transgresora. Bienales Internacionales de Poesía Visual-Experimental. 1985-2009, México, 2017. Organizadores-compiladores: César Espinosa y Araceli Zúñiga. / Singular Vispo, Edited by Nico Vassilakis, Coldfront Magazine, New York, 2017. / Vispoiesis, Pliegos de la Visión Nro. 96, Ediciones BABILONIA, Asociación Cultural Navarrés, España, 2019. / UNI/vers Nuevo 2, Visual and Experimental Poetry, Melting Wor(l)ds Latinoamericana, Alemania, 2019. Curaduría: Karla Sachse, Berlín / María Angélica Carter Morales, Argentina.

**TULIO RESTREPO**

e-mail: [tulio.restrepo@gmail.com](mailto:tulio.restrepo@gmail.com)

<https://www.facebook.com/tulio.restrepo.1>



TULIO RESTREPO: LA VISPOIESIS (\*)

La nueva poesía precisa de nuevos conceptos para ser explicada y aceptada como saber de la realidad en tanto se separa, como el trigo de la paja, del caos o del no ser. Esas nuevas significaciones hay que crearlas ya que, aunque preexisten en los objetos se desconocen hasta el momento en que son llamados. Sólo existen socialmente cuando son nombradas, es decir, cuando adquieren un formato de palabra que representa aquel correlato objetual descubierto. Por ello el énfasis de la poesía experimental en escudriñar los vericuetos de esa tierra de nadie que bordea el ser del no-ser, el orden del caos, jugando a la filosofía o a sí misma, intentado ampliar el escenario en donde los valores logren su segura expresión simbólica a la luz de su época y a la altura del avance tecnológico.

Tal vez estas lejanas palabras nos ayuden a la comprensión de esta problemática:

La vanguardia poética (y artística) es necesariamente experimental con respecto a su lenguaje, es decir, no sería vanguardia sino estableciera proyectos radicales de escritura y/o lectura impulsada por la búsqueda y producción de nueva información. No se trata de manipular los signos del repertorio propio de cada lenguaje en

una fruición redundante de soluciones ya conocidas y aceptadas por el establishment, ejercicio insustancial de virtuosismo epigonal. Se trata de generar información que problematice al lenguaje empleado (y, por ende, al resto de los lenguajes) y, también, a la sociedad que los sustenta, cuestionando y obligando a rehacer sus estructuras a la luz de los procesos que despierta el nuevo conocimiento. Estos reacomodamientos, en los variados y distintos repertorios, no sólo artísticos sino sociales, generarán, a su vez, nuevos planteos y cuestionamientos que modificarán aquella información, provocando nuevos avances en el conocimiento.

Toda creación genuina es experimental en relación a su lenguaje. Es decir, no podría ser genuina sino cuestiona y perturba el lenguaje que emplea llegando, en casos extremos, a producir nuevos códigos de relación entre sus signos, muy lejos de los habituales o vigentes. No sólo en la expresión de nuevos contenidos semánticos (la nueva información) arrancados al caos mediante la experimentación radical ejercida sobre la realidad y su representación consensuada, los lenguajes sino, también, en la manera en que son expresados esos contenidos. El amor (contenido) es y será el mismo en todos los tiempos y en todos los lugares. Sin embargo, en cada tiempo y en cada espacio, encuentra maneras diversas de ser enunciado, de tal manera que siempre se nos aparece como luminoso y fresco al entendimiento (la forma de expresión).

**TULLIO RESTREPO**

Sobre todo siguen pesando los aspectos teóricos y formales a los cuales se intenta verbalizar intentando la lectura de las formas que se van generando a partir de los nuevos soportes y a partir de las nuevas relaciones que se producen entre el creador, la forma de consumo que impone el sistema económico-social y su propia historia. Desde fines del siglo XX estamos asistiendo a un esfuerzo descomunal de los poetas en la búsqueda de los lenguajes de nuestra época, cimentados en los nuevos procedimientos que va generando la tecnología. Los “horribles trabajadores” de Rimbaud no cejan y cada tanto nos sorprenden con nuevos hallazgos.

Desde siempre existió la actitud experimentalista en la poesía, aun en la verbal. Difícilmente se hubiera concretado algún avance en el conocimiento o expresado algún nuevo sentimiento o emoción sino buceáramos en las aguas del infinito buscando la nueva expresión (parodiando a Baudelaire).

El predominio de la cultura escrita nos hizo olvidar aquel origen que el Modernismo nos devuelve a través del ingente incremento de la producción volcada al campo de la información. Ninguna esfera o dimensión del lenguaje pudo quedar fuera en esos textos llamados poemas, ni siquiera la dimensión escénica (o performática). Ni siquiera los soportes ya que, por su condición de continuum del área de la expresión, son inseparables a nivel del contenido. Cada nuevo canal suma nuevas posibilidades expresivas y abre el cam-

po para el ingreso de los nuevos conocimientos. Ni la más humilde comunicación dejará de teñirse con los atributos de los nuevos soportes, menos la poesía. Por ello la “empírea” nunca será un anacronismo sino un imperativo.

Precisamente estos poemas de Tulio Restrepo, reunidos, no sin casualidad, con el nombre de VISPOIESIS rebosan de experimentación y subversión frente al lenguaje establecido, tanto el verbal como el visual, extremando de tal manera las significaciones a tal punto que no solo expresan sino que conmueven y obligan a tomar partido. En sus palabras:

VISPOIESIS (VISPO + POEM + POIESIS), se refiere al proceso creativo o producción de obras de Poesía Visual, la cual propone las posibles relaciones, las metamorfosis, las simbiosis o interacciones entre la palabra y la imagen.

Nada más lejos en estos poemas en valerse de imprints plásticas o literarias. No hay en ellos pretensiones por la armonía o equilibrio, ni por la estructura o el proceso... apenas la sintaxis visual y verbal libérrimas, la comunicación de formas y contenidos. Se trata en estos casos de transmisión de formas mediante algoritmos que renuevan el lenguaje, es decir,

## TULIO RESTREPO

nuevas formas que, por lo desusado, nos hacen sentir las cosas designadas como nuevas y recién nacidas al entendimiento.

Además no sólo actúan como instrumento de conocimiento sino como instrumento de cambio: lo nuevo, lo recién descubierto y nombrado, exige su lugar bajo el sol y suplanta y sepulta lo perimido en los repertorios del saber social provocando cambios irreversibles en todas las áreas del conocimiento, exigiendo nuevas conductas adecuadas a la nueva realidad (ampliada).

De allí la necesidad de experimentar, como lo hace Tulio Restrepo, con las posibilidades de expresión de cada medio a los efectos de aislar la mejor forma de acuerdo al sentido deseado, sin dejar de lado ningún aspecto ni dimensión significativa sin explorar y favorecer, así, el descubrimiento de la significación. Romper los códigos y favorecer su reconstrucción.

Clemente Padín, Montevideo URUGUAY, Abril 2019.

(\*) Texto crítico de Clemente Padín, citado en *Vispoiesis*, Pliegos de la Visión Nro. 96, Ediciones BABILONIA, Asociación Cultural Navarrés, España, 2019.



"Hunger the big misery"

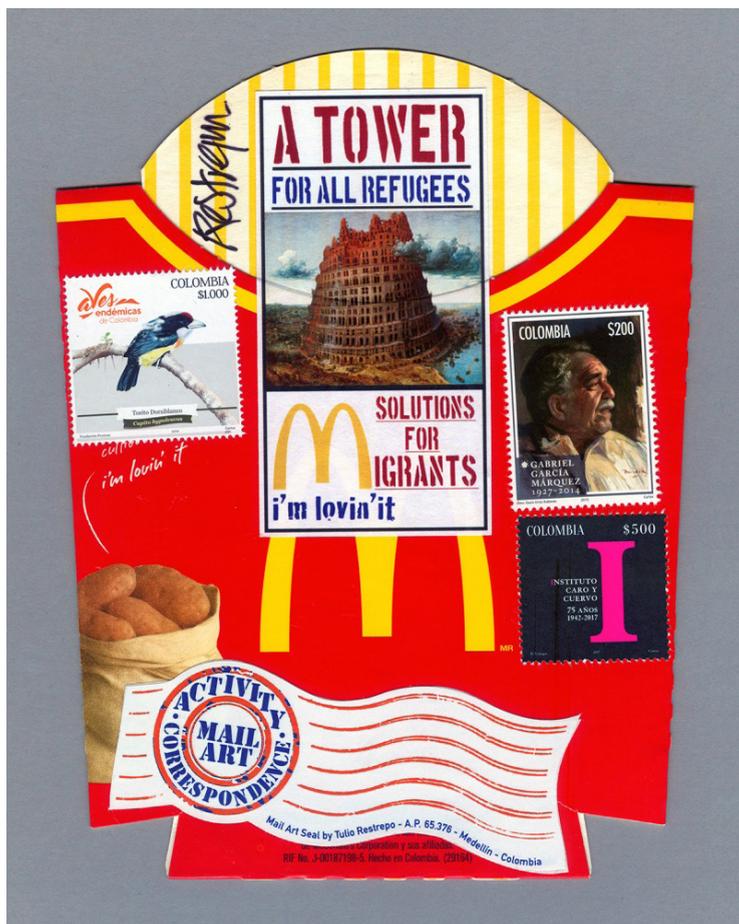
Postal reciclada: adhesivo, impresión de sello de caucho, sobre empaque comercial intervenido, 2013.

**TULLIO RESTREPO**



*"Apartheid never more. Tribute to Mandela."*

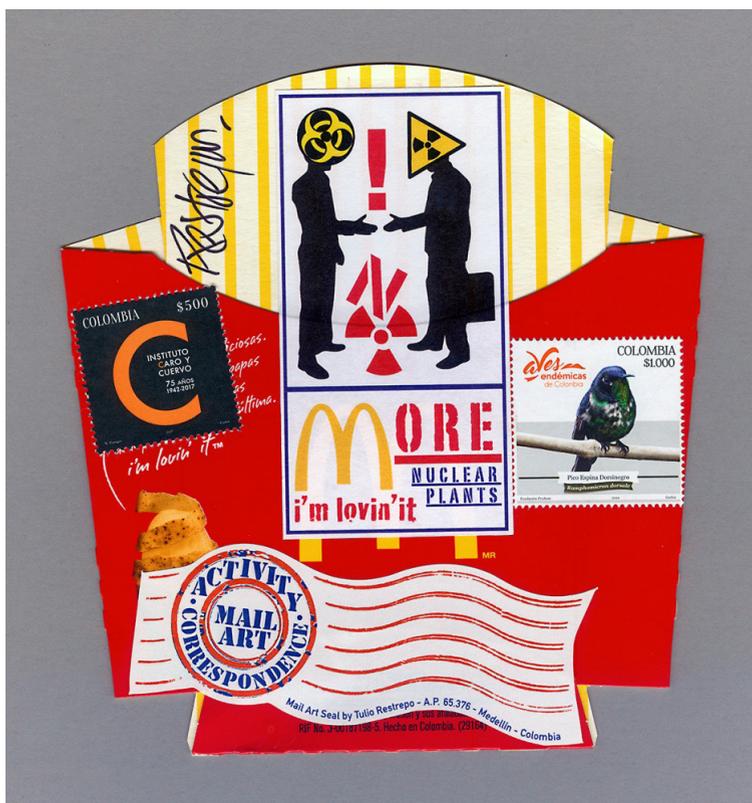
Postal reciclada: adhesivo, impresión de sello de caucho, sobre empaque comercial intervenido, 2015.



*“A tower for all refugees. Solution for Migrants.”*

Postal reciclada: adhesivo, gráfica digital  
sobre empaque comercial intervenido, 2016.

**TULLIO RESTREPO**



*"No more nuclear plants"*

Postal reciclada: adhesivo, gráfica digital sobre empaque comercial intervenido, 2016.



“Tributo a la memoria de Madres de Plaza de Mayo”

Postal reciclada: adhesivo, gráfica digital  
sobre empaque comercial intervenido, 2016.

**TULLIO RESTREPO**



*"Tributo a la memoria de Madres de Plaza de Mayo"*

Postal reciclada: adhesivo, gráfica digital  
sobre empaque comercial intervenido, 2016.



*"Stop racist statements. Solutions for migrants"*

Postal reciclada: adhesivo, gráfica digital  
sobre empaque comercial intervenido, 2016.

**TULIO RESTREPO**



*“Palestina War”*

Postal reciclada: adhesivo, impresión de sello de caucho, gráfica digital sobre empaque comercial intervenido, 2020.



*“Stop occupation on Palestina”*

Postal reciclada: adhesivo, impresión de sello de caucho, stencil anónimo, gráfica digital sobre empaque comercial intervenido, 2020.

# JOSÉ GLAUCO RIBEIRO TOSTES



Nasceu em Niterói, Brasil. Professor universitário de Química. Aposentado pela Universidade Estadual Norte-Fluminense Darcy Ribeiro [UENF] no Estado do Rio de Janeiro. Tem mestrado [IME}, doutorado [UNICAMP] e pós-doutorado [UNICAMP] em Química. Área de Pesquisa em química; química quântica. Atuais áreas principais de interesse e de publicação

eventual: Filosofia da Ciência {subárea: materialismo dialético/novo pensamento científico da complexidade) e História (subárea: materialismo histórico/sem dialética; com dialética). Atividades de Pesquisa, ensino e extensão com respectivas publicações: ver currículo LATTES (precisando de atualização ).



## **HISTÓRIA DA INTELIGÊNCIA BRASILEIRA [1550-1930]: “à sombra do Concílio de Trento” do séc. XVI.**

Começamos o presente texto com brevíssima exposição da teoria da história universal da sociedade humana, desde pelo menos a Revolução Agrícola, denominada “Materialismo Histórico” [MH], publicada por K. Marx em 1859 no famoso Prefácio do livro “Contribuição a crítica da economia política”. Essa ambiciosa teoria tem incríveis indicadores de simplicidade: (1) apenas uma página; (2) esqueleto estrutural binário dessa história: infraestrutura material econômica (ciência econômica) e superestrutura imaterial não econômica (isto é, envolvendo todas as “disciplinas” restantes: política, direito, filosofia, religião, arte e cultura em geral, psicologia: “consciência” etc.); (3) a relativamente simples infraestrutura econômica é responsável pela determinação causal, total ou parcial, da altamente complexa superestrutura;” (4) “toda a história – dos sucessivos modos de produção – é história da luta de classes” (Marx e Engels, Manifesto Comunista, 1848)”. (Marx e Engels, 1848); mas o atual “modo de produção” capitalista se caracterizaria - de modo supostamente “universal” - por apenas duas simples classes em luta: “burguesia x proletariado” ou mais atualmente “capital (produtivo e financeiro) x trabalhador (assalariado ou, em geral, sob trabalho precário). De modo simplificado, é esta teoria histórica MH que estaremos aqui empregando. Nosso objetivo neste pequeno texto é apontar brevemente o papel superestrutura! religioso decisivo

**JOSÉ GLAUCO RIBEIRO TOSTES**

**JOSÉ GLAUCO RIBEIRO TOSTES**

(dentre vários outros fatores, infraestruturais e superestruturais), do Concílio de TRENTO (da contrarreforma católica, em meados XVI) na história do Brasil - papel esse que se espraia, também, nas histórias interconectadas, a partir do séc. XVI, da Igreja Católica, Portugal, Espanha e demais nações latino-americanas, até se alcançar um processo de sucessivas saídas de cada uma de tais nações da sombra do Concílio de Trento, ao longo da segunda metade do séc. XIX e da primeira metade do séc. XX. De fato, nosso interesse no tema vai recair preferencialmente sobre a história da influência tridentina no Brasil e em Portugal, através da nossa principal referência aqui: Wilson Martins, HISTÓRIA DA INTELIGÊNCIA BRASILEIRA (1550-1794), vol. I. A relevância de tal influência do Concílio vai ser então principalmente enfatizada no que tange aos efeitos ou desdobramentos intelectuais do mesmo evento no Brasil e automaticamente em Portugal (quando ainda no radar dos nossos primeiros trezentos anos coloniais}. Note-se que “inteligência” (em Martins) e “intelectualidade” (aqui usado) são termos afins. Mas de que “inteligência brasileira” fala Martins? E por que a partir de 1550?

Concílio de Trento, contrarreforma católica: iniciativa de Igreja Católica, centralizada na figura do papa. Até 1517, a igreja retinha ainda um enorme poder político-econômico e espiritual sobre quase toda a Europa, acumulado durante um longo período de mais de mil anos, denominado de “Idade Média” e sua economia feudal. Em 1517, explode o “cisma do Ocidente”, através da carismática figura do então frade católico, M. Lutero: a “Reforma Protestante”. A Igreja perde rapidamente o poder em boa parte da fração anglo-

-saxônica mais ao norte da Europa. Então, por volta de 1540, inicia-se um grande concílio católico de enfrentamento (não apenas intelectual obviamente) deste novo ramo cismático. Por volta desse mesmo ano é fundada, pelo espanhol Pe. Inácio de Loyola, uma nova ordem católica: a “COMPANHIA DE JESUS” (CJ), os “jesuítas”. Ordem: (1) altamente intelectualizada, (2) de uma inexcedível fidelidade ao papado e (3) disposta a se lançar com todo fervor (3.1} na luta antirreformista europeia e (3.2) no missionarismo na jovem América colonial ibérica, o que entre outras coisas implicava em ambiciosos projetos educacionais/catequéticos mirando os povos que já habitavam as colônias do que depois denominar-se-ia “América Latina”. E justamente tais projetos jesuítas, iniciados no Brasil por volta de 1550, constituem-se aos olhos da Martins, nos primeiros sintomas de “inteligência” em solo brasileiro. Uma inteligência que a partir daí vai ser marcante na defesa do lado católico ao longo do conflito catolicismo/protestantismo seja na metrópole lusitana como aqui na sua colônia brasileira até pelo menos meados do séc. XVII. Terá sido, tal inteligência, jesuíta bem-sucedida nesta primeira prova?

Encarada de modo abstrato, isto é, em sua superestrutura ideológica frente ao restante do tabuleiro religioso protestante da Europa ocidental em meados do séculos XVI, os jesuítas se constituíram rapidamente numa formidável “máquina religiosa” intelectual, numa força “espiritual-militarizada” (na cadeia altamente hierarquizada da Igreja Católica, uma experimentada Igreja com 1.500 anos de idade) que enfrentava um protestantismo nascente comparativamente

**JOSÉ GLAUCO RIBEIRO TOSTES**

muito inexperiente, já começando a fragmentar-se doutrinariamente por volta de 1550. Do ponto de vista da economia política (aí incluída a componente militar}, os ventos sopravam razoavelmente bem a favor da empreitada jesuíta: Portugal e Espanha católicos, em meados do séc. XVI, eram como que duas grandes potências, tal como Estados Unidos e URSS a partir do fim da segunda guerra mundial: isto é, o Tratado (papal!) de Tordesilhas no final do séc. XV, dividindo o Novo Mundo, com todas as suas riquezas, em duas partes nítida e pacificamente demarcadas, uma para Portugal, outra para a Espanha (que aliás não estavam sequer em clima de guerra}, encontra sutil semelhança com o Tratado de Yalta entre Stalin e Roosevelt dividindo “pacificamente” a Europa em duas esferas de influência política, uma para cada um deles. No entanto, cerca de 100 anos depois, por volta de 1650, Portugal e Espanha já eram nada mais - relativamente ao jovem império holandês, ao nascente império britânico e à ainda poderosa França - que duas potências decadentes em termos político-econômicos! Situação essa da qual somente conseguiriam sair, de modo estável, um pouco depois da metade do séc. XX! Parte dessas conclusões deve-se à referência de Martins acima. Nasce nova pergunta: o Concílio de Trento e os jesuítas têm a ver com essa derrocada (1550-1650) das nossas duas metrópoles coloniais? Se têm, como? Novamente aqui parte ao menos dessa explicação deve--se a Martins. Vamos fornecer inicialmente a explicação esquemática. Sim, Trento e a intelectualidade jesuíta têm a ver com aquela derrocada a partir de meados do séc. XVI, isto é, têm a ver mais diretamente com um grande e geral processo de perda do bonde da nascente modernidade ocidental

e de seus desdobramentos chegando a adentrar no séc. XX (Renascimento, Ciência Moderna, Iluminismo, Revolução Francesa, Capitalismo industrial, Revolução soviética de 1917, Socialismo, cidadanias dos sécs. XVIII, XIX e XX etc.). A perda geral de tal bonde pode ser abstratamente desdobrada numa perda bifurcada: (1) processo de perda do bonde intelectual da nascente modernidade ocidental (bonde esse tendencialmente laico que pode ser centralizado na ciência moderna), por parte de Portugal e Espanha, processo iniciado com o concílio (religioso, católico) de Trento, mais especificamente, com suas decisões e diretrizes finais, por volta da década de 1560, decisões essas influenciadas e depois manipuladas pela intelectualidade jesuíta; (2) concomitante processo mais abrangente de perda do bonde político-econômico da nascente modernidade ocidental (que vai implicar na perda do nascente bonde do futuro capitalismo da Revolução Industrial) por parte de Portugal e Espanha. Este bonde {2}, chave na teoria da história do materialismo histórico, foi “travado” nestes dois países por um processo superestrutura! religioso, (1), algo que foi possível em circunstâncias históricas europeias específicas do séc. XVI.

Vamos descer, para terminar, mais fundo no processo (1) de perda. O que está sendo perdido aí? O bonde intelectual da nascente modernidade ocidental foi iniciado com a construção do seu novo bonde-locomotiva: a ciência moderna {razão científica}, desde seus pais fundadores do séc. XVII, e começa aí um processo de transição, deslocando a filosofia grega (razão filosófica) - profundamente articulada então à fé cristã - do seu “pódio da razão” até então, rumo

**JOSÉ GLAUCO RIBEIRO TOSTES**

a nova vanguarda intelectual científica da razão na civilização ocidental. Então o processo superestrutura! religioso de perda, ou trava”, do bonde dessa razão científica, sob a vanguarda intelectual jesuíta no Concílio de Trento, simplesmente manteve a filosofia aristotélico-tomista (uma razão a serviço da fé) como doutrina hegemônica da Igreja Católica (até ao menos o final do papado conservador de Pio XII em 1958! Veja-se aí até onde a Igreja (sobre)viveu sob a “sombra do Concílio de Trento”!).

A “sombra do Concílio de Trento”, através da Companhia de Jesus, vai-se tornar um “éter” desastroso banhando a Igreja, a península ibérica e daí praticamente todas as nações latino-americanas, na contra-mão da modernidade ocidental - mesmo quando a CJ já tiver perdido toda a sua força espiritual/política – até atingir seus limites, em diferentes momentos, na Igreja e em cada um dos países logo acima mencionado: a até aproximadamente a primeira metade séc. XX. A Igreja, vimos acima, até final dos anos 1950. O Brasil essencialmente até o início da “era Vargas” (1930). A pergunta “porque, no Brasil, somos como somos, hoje?” tem a ver, em parte, com a história dessa fantástica e “espectral” sombra ...

